

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



**A PERCEÇÃO SOCIAL DO BIBLIOTECÁRIO  
NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NO  
SÉCULO XX  
REFLEXOS NA LITERATURA**

MARIA CATARINA TAVARES RODRIGUES DE  
SOUSA

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Carlos  
Guardado da Silva, elaborada para a obtenção do Grau de  
Mestre em Ciências da Documentação e Informação

2021

## Agradecimentos

---

Dedico esta Dissertação aos meus Pais, Maria Teresa Lourenço Tavares Rodrigues e Marcelo Colaço Moreira de Sousa.

Agradeço a todos aqueles que me apoiaram e, contribuindo de forma direta ou indireta para a conclusão da mesma, tornaram esta experiência possível.

“Teachers are to inspire; librarians are to fulfill.” Ray Bradbury

## Resumo

---

Esta Dissertação explora a percepção social do bibliotecário nos Estados Unidos da América, no século XX. Os objetivos desta investigação prendem-se com a identificação das dimensões perceptuais da imagem social dos bibliotecários, bem como dos fatores que contribuem para a construção desta imagem; e, ainda, das implicações que decorrem do conteúdo e da estrutura da mesma, para os bibliotecários e para a biblioteconomia. Empiricamente são utilizados dados históricos, tendo por base fontes de informação literárias, cuja primeira publicação ocorreu no fim do século XX, designadamente as obras *Duplicate Keys* e *The Giant's House*. A nossa investigação segue uma abordagem de natureza qualitativa e tem um caráter exploratório, assentando no método de pesquisa e análise documental, para a revisão da literatura, e no método de análise de conteúdo para a análise e interpretação das obras literárias. Os fatores que contribuem para a construção da imagem social dos bibliotecários são investigados através duma revisão de literatura e de um modelo causal, o qual testa a influência sobre o estereótipo dos bibliotecários de alguns dos fatores identificados na literatura. A discussão e interpretação dos resultados baseia-se em aspetos contextuais e em literatura das áreas da Biblioteconomia, Psicologia e Sociologia.

São identificadas dimensões associadas à imagem social dos bibliotecários. A caracterização geral desta imagem social parece corresponder aquele com o coque, sapatos confortáveis e comportamento azedo. Os resultados enfatizam a percepção de um estereótipo profissional, dando suporte ao facto de que contextos sociais e culturais específicos influenciam a construção social da imagem dos bibliotecários. Verifica-se a existência de uma visão desta profissão, colonizada por pessoas com falta de conhecimento teórico; no entanto, os bibliotecários na literatura são muitas vezes descritos como adaptáveis, conhecedores, astutos, delicados, ternos e inteligentes, traços que os autores, e por extensão os leitores, procuram nos seus bibliotecários. Como processo exploratório, propõe-se uma análise de conteúdo conducente a uma taxionomia que pode ser usada e desenvolvida em futuras pesquisas nessa área e contribui para uma melhor compreensão do papel percebido da biblioteconomia e do posicionamento social dos bibliotecários em diferentes aspetos sociais, contextos económicos, políticos e culturais.

Palavras-chave: Bibliotecário-tipificação, Estados Unidos da América, Literatura, Percepção Profissional, Século XX, Estereótipo Social, Percepção Social.

# Abstract

---

This Dissertation explores the social perception of the librarian in the United States of America in the 20th century. The objectives of this investigation are related to the identification of the perceptual dimensions of the social image of librarians, as well as the factors that contribute to the construction of this image; and, still, the implications that result from its content and structure for librarians and for librarianship. Empirically, historical data are used, based on historical sources of literary information, whose first publication occurred at the end of the 20th century, namely the works *Duplicate Keys* and *The Giant's House*. Our research follows a qualitative approach and has an exploratory character, based on the documentary research and analysis method, for the literature review, and on the content analysis method for the analysis and interpretation of literary works. The factors that contribute to the construction of the social image of librarians are investigated through a literature review and a causal model, which tests the influence on the stereotype of librarians of some of the factors identified in the literature. The discussion and interpretation of results is based on contextual aspects and literature in the areas of Library Science, Psychology, and Sociology.

In this study, dimensions associated with the social image of librarians are identified. The general characterization of this social image seems to correspond with the coked, comfortable shoes, and sour behavior. The results emphasize the perception of a professional stereotype, supporting the fact that specific social and cultural contexts influence the social construction of the librarians' image. It is highlighted the existence of a vision of this profession, colonized by people with a lack of theoretical knowledge; however, librarians in the literature are often described as adaptable, knowledgeable, astute, delicate, tender, and intelligent, traits that the authors, and by extension the readers, look to their librarians. As an exploratory process, a content analysis conducting to a taxonomy is proposed, which can be used and developed in future research in this area, contributing to a better understanding of the perceived role of librarianship and the social position of librarians in different social aspects, economic, political contexts and cultural.

Keywords: XX Century, Librarian-types, Literature, Professional Perception, United States of America, Social Stereotype, Social Perception.

# Índice

---

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice	v
Introdução	1
1. Percepção Social	5
2. A Literatura como Fonte na Biblioteconomia	11
3. Evolução das Bibliotecas Públicas nos EUA	18
4. Os Estados Unidos da América em meados do século XX: Contexto Histórico	26
5. Jane Smiley e Elizabeth McCracken	29
6. Metodologia	31
7. Retrato do Bibliotecário por Jane Smiley e Elizabeth McCracken: Análise das Obras	48
Conclusão	55
Referências Bibliográficas	62
Apêndice	70

## Introdução

---

O estudo das percepções sociais sobre grupos profissionais emergiu como uma área de pesquisa crítica que tem estado em linha com a sua relevância na sociedade e tem estimulado a atenção de académicos de várias áreas (Lee et al., 2001, p. 187), prestando considerável atenção aos estereótipos ocupacionais (Glick et al., 1995; King et al., 2006; Lassonde & O'Brien, 2013), facto que ainda não foi muito explorado na nossa profissão de bibliotecário, embora seja uma área que esteja assoberbada de ideias e estereótipos (Vaughn, 2010, p. 103). Quando se pensa num bibliotecário, muitos são aqueles que têm a ideia de uma senhora já de alguma idade e severa, que tomará conta de uma biblioteca específica com afinco e rigidez.

O desenvolvimento desta dissertação foi motivado por esta última linha de pesquisa preocupada com o fenómeno da percepção social, que se tem mostrado crítico na biblioteconomia e em outras áreas de pesquisa, prestando especial atenção ao caso da estereotipagem (Lee et al., 2001). Desde o início dos anos de noventa, os bibliotecários observavam e comentavam sobre as suas percepções públicas; e o grupo ocupacional de biblioteconomia tem estimulado um crescente corpo de literatura preocupada com a imagem social dos bibliotecários. Existem numerosos estereótipos de bibliotecário, sendo mais reconhecível a bibliotecária de meia-idade, usando coque, calçado confortável e calada. Outros incluem o bibliotecário sexy, o bibliotecário do super-herói e o bibliotecário *hipster* ou tatuado. Esses estereótipos são caracterizados predominantemente como mulheres caucasianas e femininas. Os estereótipos mais recentes de bibliotecários, particularmente aqueles proferidos pelos próprios bibliotecários, tendem a ser descritos como mulheres caucasianas mais jovens. O estereótipo original do bibliotecário, que foi substituído pela introdução da sua irmã púdica, era o mesquinho rabugento (caucasiano).

Uma série de artigos fornecem uma visão académica sobre o tópico: alguns exemplos recentes de livros que tocam em questões de apresentação da biblioteconomia incluem o livro de Ray Tevis e Brenda Tevis de 2005, *The Image of Librarians in Cinema*, que examina como os bibliotecários foram representados no cinema. *You Don't Look Like a Librarian* de Ruth Kneale, de 2009, explora as perspetivas dos

bibliotecários sobre estereótipos e apresentações, comparando a representação na cultura pop com anedotas. Afastando-se da cultura popular e estudos de média, William C. Welburn, Janice Welburn e Beth McNeil exploram a natureza colaborativa, em defesa das bibliotecas académicas, através do seu volume editado, *Advocacy, Outreach and the Nation's Academic Libraries*, e Lauren Comito, Aliqae Geraci e Christian Zabriskie fornecem um recurso para defesa e valorização de bibliotecas com *Grassroots Library Advocacy*, demonstrando maneiras de melhorar a visibilidade, relacionamentos e mensagens ao público para todos os tipos de bibliotecas.

Olhando para trás ao longo das décadas, descobrimos que livros académicos com questões semelhantes de imagem surgem a cada 10 anos, às vezes em “rajadas”. No início dos anos 2000, um envolvimento sólido com a imagem do bibliotecário e a biblioteconomia ativista foi fornecido por K. R. Roberto e Jessamyn West com *Revolting Librarians Redux: Radical Librarians Speak Out*. Do início a meados da década de 90, foram editados vários títulos, incluindo a contribuição patrocinada pela Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições, *The Image of the Library and Information Profession: How We See Ourselves* e *Discovering Librarians: Profiles of a Profession* de Mary Jane Scherdin. Uma década atrás, encontramos outra onda editorial, com o Volume 1982 de Pauline Wilson, *Stereotype and Status: Librarians in the United States* e *The Status of Women in Librarianship: Historical, Sociological, and Economic Issues* de Kathleen de la Peña McCook (1983).

As análises da imagem social do bibliotecário adotaram diferentes perspetivas e métodos, recorrendo a diferentes fontes de perceção.

Estes estudos foram focados em examinar como os bibliotecários são percebidos ou retratados e também na identificação dos fatores ligados a esses retratos: estas são todas as dimensões nas quais esta tese visa contribuir para a literatura específica, fornecendo *insights* úteis para uma melhor compreensão das imagens sociais dos bibliotecários e oferecendo contribuições importantes para a perceção do papel da *biblioteconomia* na sociedade. Este tipo de estudo permite aprimorar com maior rigor a compreensão do papel da biblioteconomia na sociedade, que pode ser visto como influenciado culturalmente, dependendo da perceção compartilhada em uma cultura. De facto, a vida quotidiana é preenchida com muitos padrões de comportamento culturalmente construído.

O presente trabalho tem como *objetivo geral e operacional*, comparar a perceção que as pessoas têm do bibliotecário, por intermédio da análise de literatura norte-

americana, e considerar a implicação não só da importância da obra literária, mas também, da biblioteca como o repositório onde se guardam as obras. Espera-se, como *objetivos específicos*, entender e caracterizar como a imagem do bibliotecário se revela nos seus contextos culturais, analisados à luz da ciência da informação; evidenciar a problemática da identidade individual e social do bibliotecário; e clarificar a relação entre a aparência e a realidade nesta profissão.

Três *questões gerais* foram formuladas para atingir estes objetivos:

P1: Quais são as dimensões perceptivas destacadas na imagem social dos bibliotecários?

P2: Quais são as implicações dessas dimensões para este grupo profissional?

P3: Quais são os fatores que contribuem para a construção da imagem social dos bibliotecários?

Até ao momento, a percepção social dos bibliotecários tem sido pouco explorada, com foco apenas nas percepções dos próprios bibliotecários no seu trabalho. Este estudo pretende enriquecer o conhecimento sobre os estereótipos dos bibliotecários, agregando conhecimento sobre a construção social da imagem dos bibliotecários, numa época de desenvolvimento económico. O que ajudará a entender o papel da biblioteconomia em diferentes culturas e situações.

Olhando para a biblioteconomia como uma prática social, destaca-se a relevância de se dar atenção ao cenário local mais amplo, a fim de contextualizar os resultados obtidos. Em meados do século XX, os Estados Unidos passavam por um período de transformações sociais, também caracterizado por significativas mudanças económicas, políticas e culturais. Fundamentaremos os dados empíricos históricos já pelo final do século XX.

A nossa investigação examina, por meio de uma análise qualitativa do conteúdo, a imagem dos bibliotecários retratados pelas duas autoras: Jane Smiley e Elizabeth McCracken. Essa análise visa responder à necessidade de pesquisa sobre bibliotecários no campo da literatura, que permanece pouco estudada. Este trabalho utiliza a literatura, que tem o poder de disseminar e compartilhar conhecimentos tácitos da experiência humana, refletindo e influenciando a percepção social da biblioteconomia e dos seus atores. De facto, “pensamentos, sentimentos e comportamentos individuais, influenciam as normas e práticas culturais e vice-versa” (Vaughn, 2010, p. 3). Como



resultado, essa percepção está intimamente ligada ao reconhecimento da importância da biblioteconomia como profissão, pela sociedade.

A presente dissertação está organizada em sete capítulos, para além da Introdução e da Conclusão. Na Introdução aborda-se a relevância do tema da pesquisa e a estrutura da tese: objetivos, contexto de pesquisa, aspetos metodológicos operacionais e contribuições gerais esperados.

Do primeiro capítulo ao quinto apresentamos o enquadramento epistemológico, com a contextualização do tema e a revisão de literatura, vertentes que se revelaram essenciais para definir, analisar e questionar, para bem perceber a problemática em estudo e entender as opções tomadas.

O sexto capítulo pretende expor a metodologia utilizada para a execução deste trabalho, em que se define e prepara o desenho da investigação e do projeto, bem como se determinam os métodos de recolha, e uma análise dos dados - extraídos das duas obras selecionadas -, conducente ao reconhecimento do perfil e dimensões do papel do bibliotecário e à interpretação dos resultados do capítulo seguinte.

No sétimo capítulo, efetua-se o enquadramento epistemológico, que fornece uma estrutura concetual relevante para o estudo da percepção social dos bibliotecários: consiste num estudo empírico e histórico que explora o retrato do bibliotecário na cultura popular através da análise da literatura norte-americana de meados do século XX, com recurso às obras focadas, de Jane Smiley e Elizabeth McCracken.

Na conclusão é sintetizada a totalidade do processo de investigação e de planeamento do projeto, analisando a sua correspondência aos objetivos gerais e específicos propostos, destacando-se as limitações do estudo, bem como os rumos para pesquisas futuras; e ponderando-se qual poderá ser o seu contributo original para o âmbito pesquisado.

# 1. Percepção Social

---

O estudo das percepções sociais fornece *insights* sobre a compreensão e previsão do comportamento social em relação aos outros, que resultam de um processo de julgamento de traços e emoções (Zebrowitz, 1990). As pessoas geralmente são compreendidas em contextos específicos, onde um determinado grupo social desempenha e se distingue por compartilhar uma determinada característica destacada pelo seu papel social (Hinton, 2000).

Assim, a percepção social é um fenómeno multidimensional estimulado pelas particularidades circundantes da característica distintiva de um grupo (Zebrowitz, 1990). Portanto, para estudar a percepção social de um determinado grupo é importante estabelecer um referencial teórico específico que permita uma compreensão profunda do conteúdo de tal imagem social. Nesse sentido, uma vez que os bibliotecários são um grupo específico que se distingue pela sua ocupação, esta investigação pretende apresentar as questões conceituais e as bases teóricas gerais relevantes para o estudo da percepção social dos mesmos. Além disso, visa-se identificar fatores associados à construção da imagem do bibliotecário decorrente desse fenómeno.

Dado que os bibliotecários são geralmente reconhecidos como um grupo profissional, é importante compreender o conceito de profissão, a distinção entre profissão e ocupação e em que medida o exercício da biblioteconomia tem o estatuto de profissão. As próximas duas seções analisam esses aspetos. A primeira seção descreve as principais escolas de pensamento em termos de sociologia das profissões. Em seguida, discute-se como a ocupação bibliotecária tem sido compreendida e abordada nos processos de profissionalização contábil. A seção seguinte analisa o fenómeno da percepção social a fim de compreender o conceito de estereótipo contextualizado nos processos em que esses tipos de imagens se desenvolvem. E é feita uma revisão da literatura pertinente sobre o tema dos estereótipos do bibliotecário, que contextualizará futuras investigações, ajudando a esclarecer o que tem sido feito nesse campo de pesquisa e como o assunto tem sido abordado.

O conceito de profissão não tem sido consensual na comunidade de sociólogos. Um caminho sinuoso foi cruzado na tentativa de definir a profissão desde o trabalho de Carr-Saunders e Wilson (1933), que é considerado uma importante contribuição inicial para o desenvolvimento da sociologia das profissões, destacando a relevância especial das profissões nas sociedades modernas (Carr-Saunders & Wilson, 1933). A literatura

nesta área apresenta o conceito de profissão discutido de diferentes perspectivas ao longo do tempo. Destacam-se, nomeadamente, o funcionalismo estrutural, o interacionismo simbólico e a abordagem do poder derivado, bem como a perspectiva sistémica de Abbott (1988) (Gonçalves, 2017; Macdonald, 1995).

A escola funcionalista (por exemplo, Barber, 1963; Goode, 1960; Greenwood, 1957, 1966; Wilensky, 1964) concentra-se particularmente em distinguir ocupações identificando traços ocupacionais que permitem a qualificação como uma profissão (Begun, 1986). Dessa abordagem emerge o conceito de profissão associado a um amplo conjunto de atributos (Klegon, 1978), tais como educação e formação especializada utilizadas de forma altruísta em benefício da sociedade, respeitando as normas éticas (Begun, 1986; Gonçalves, 2017). Segundo Rodrigues, na perspectiva funcionalista estes atributos constituem um dos pressupostos do conceito de profissão, que se complementa pelo reconhecimento social que decorre da formação especializada e da presença da regulação exercida pelas entidades profissionais instituídas (Rodrigues, 2002). Na mesma visão, Gonçalves destaca que a legitimidade social de uma profissão, na sua essência, decorre do conhecimento altamente especializado dos seus membros e da sua predisposição ao serviço comunitário (Gonçalves, 2017). De facto, a sociedade espera do profissional o comprometimento vocacional, conferindo-lhe, assim, um reconhecimento traduzido em ganhos e prestígio em decorrência do desenvolvimento do conhecimento especializado (Begun, 1986).

Os argumentos dos funcionalistas não alcançaram consenso entre os académicos devido à dificuldade da aplicação da lista de critérios oferecida a situações concretas (Klegon, 1978). Roth (1974) exemplifica essa dificuldade com a profissão geralmente aceite de engenheiro. Segundo este autor, a aplicação do modelo funcionalista a esta ocupação revela contradições, uma vez que dele não surge a qualificação como profissão e este é um estatuto atribuído a tal grupo ocupacional. Assim, a ideia de que existe um conjunto de etapas que permite a conquista do status de profissão caiu, na literatura contemporânea, o que possivelmente ocorreu devido ao descaso dos funcionalistas em relação a certos problemas de profissionalização, “como a evasão da prestação de contas ao público, a manipulação do poder político para promover o controle do monopólio e a restrição de serviços para criar escassez e aumentar custos” (Roth, 1974, p. 18).

O interacionismo simbólico marcou o início da crítica às teses dos funcionalistas, tendo sido, porém, temporariamente marginal em relação a estas (Gonçalves, 2017).

Nessa perspectiva alternativa, costuma-se destacar o trabalho de Hughes (1958), que segundo Abbott (1993) é uma contribuição ancestral à literatura sociológica moderna sobre as profissões. O interacionismo olha para as ações e interações de indivíduos ou grupos inerentes à vida ocupacional (Macdonald, 1995). Enfatiza que as profissões emergem de um processo de reconhecimento social, que depende dos contextos culturais subjacentes à prática das ocupações (Gonçalves, 2017). Nesse processo, os conceitos de licença e mandato de Hughes são relevantes. Segundo Rodrigues (1997), a licença está relacionada com a legitimação de alguns para o exercício de determinada atividade e a interdição de outras, enquanto o mandato constitui a obrigação de assegurar uma determinada função específica. O estatuto de profissão surge quando uma determinada ocupação atinge o estabelecimento do seu mandato através do referido processo (Rodrigues, 2002).

A partir de meados da década de 60, o interacionismo ganhou importância entre os críticos do paradigma funcionalista (Gonçalves, 2017; Macdonald, 1995). Esses acadêmicos concentraram-se na habilidade das ocupações em manipular o seu status social, associando essa capacidade a acordos de poder (Klegon, 1978). A abordagem do poder (por exemplo, Collins, 1979; Freidson, 1978, 1984; Johnson, 1972; Larson, 1979) emerge dentro desse contexto, valendo-se de diferentes arcabouços teóricos, como o interacionista, o neomarxista e o neo-weberiano (Gonçalves, 2017; Reynolds & Herman-Kinney, 2003). Segundo Begun, a abordagem do poder preconiza que o profissionalismo atenda aos interesses dos grupos que o alcançam, uma vez que a autonomia adquirida por meio desse processo lhes fornece prestígio e renda (Begun, 1986). Assim, uma profissão distingue-se de uma ocupação pela capacidade de obter reconhecimento social, que está relacionado com a organização profissional, mobilização e participação em processos políticos (Rodrigues, 2002). Também está associada à capacidade do grupo de alcançar o monopólio e autonomia das interferências externas no exercício da sua atividade ocupacional. Não obstante, implica atenção especial a certos recursos, como a educação, o desenvolvimento tecnológico e os clientes (Reynolds & Herman-Kinney, 2003).

Na segunda metade da década de 1980, surgiu a obra de Abbot (1988), que deu uma importante contribuição para o desenvolvimento do conceito de profissão, proporcionando um novo quadro conceitual - a perspectiva sistêmica (Gonçalves, 2017). Esta abordagem assenta num processo dinâmico onde estão presentes uma crescente especialização, a divisão do trabalho e do poder e as relações entre as ocupações. Assim,

para Abbott (1988) o conhecimento controlado monopolizadamente configura o elemento principal da definição de uma profissão. Segundo o autor, a sua existência depende do controle de uma jurisdição, ou seja, de um determinado campo de trabalho. Conseqüentemente, dominar uma jurisdição não é suficiente para exercer uma atividade especializada. Em vez disso, é preciso adquirir exclusividade nessa prática, o que decorre da competição intergrupar e dos procedimentos sociais na resolução de conflitos supervenientes. Como resultado, Abbott (1988) identifica três áreas-chave na reivindicação de jurisdição: (1) o sistema jurídico, por meio do qual é possível estabelecer barreiras de entrada para a prática de uma atividade; (2) opinião pública, que está relacionada com a imagem social de um grupo ocupacional, essencial para o sucesso de uma profissão, uma vez que é composta pelo reconhecimento da importância das atribuições inerentes e influencia o sistema jurídico; e (3) o local de trabalho onde as imposições legais e sociais podem ser contestadas (Abbott, 1988).

Conforme discutido na seção anterior, a definição do momento a partir do qual uma dada ocupação adquire o status de profissão revela-se difícil de especificar de forma consensual. No âmbito da biblioteconomia, bibliotecários contemporâneos têm refletido sobre as mesmas questões que têm acompanhado a nossa área desde os seus primeiros dias: A biblioteconomia é uma profissão? Se sim, o que isso significa? O que significa que a biblioteconomia é uma profissão feminizada? Como podemos nós, como membros de uma profissão, resistir às pressões sociais de gênero para sermos passivos e educadores às custas do respeito e da compensação? A falta de respeito dispensada aos bibliotecários é simplesmente devida ao declínio do profissionalismo (e do seu poder concomitante) em geral? Ou os próprios bibliotecários são de alguma forma responsáveis pela falta de respeito que lhes é concedida? Os estereótipos são uma forma da nossa cultura resolver a sua ambivalência sobre o status dos bibliotecários? É verdade que as pessoas tendem a respeitar os seus médicos, advogados, professores e clérigos, mesmo que nem sempre os compreendam, mas não respeitem os bibliotecários da mesma maneira?

E se, como argumenta o professor do *Worcester Polytechnic Institute Brenton Faber*, “o profissionalismo é um movimento social baseado no controlo do conhecimento, elitismo social e poder económico”, os bibliotecários realmente querem ser considerados profissionais? Na verdade, o “profissionalismo” funciona em contradição direta com a ética declarada do bibliotecário? E, inversamente, a nossa ética profissional realmente funciona contra o nosso status profissional? O trabalho da

biblioteconomia gira em torno de fornecer acesso à informação, seguindo a crença de que um cidadão informado cria uma democracia robusta, enquanto a marca do profissionalismo é, sem dúvida, o *gatekeeper*. Muitos bibliotecários acreditam que a responsabilidade da seleção os coloca como guardiões da informação, à medida que filtram e vinculam recursos para os seus utilizadores (Lu, 2007, MetoyerDuran, 1993). Os bibliotecários ponderam em como podem ajudar a identificar, diagnosticar e modificar ativamente as rotas de acesso à informação; como podem preencher “lacunas estruturais” para colmatar as lacunas de informação e facilitar a entrega de informações; e como podem aconselhar os membros da comunidade a fazer uso dos seus recursos de rede incorporados. As atividades de filtragem e vinculação são componentes-chave da teoria de *gatekeeping* do psicólogo social Lewin (1947), ou seja, o trabalho do bibliotecário é manter os portões abertos.

Embora a necessidade de livros e outras fontes de informação tenha existido desde o início dos tempos históricos, os bibliotecários, juntamente com arquivistas e editores, não começaram a mostrar qualquer senso distintamente moderno de identidade ocupacional até o final do século XIX e início do século XX. A ciência da informação como disciplina também pode ser datada desse período, mas o surgimento de um grupo de praticantes que se identificam como tal não ocorreu até o período entre as guerras mundiais, quando o extraordinário potencial da micrografia e da ciência da computação começou a ser concretizado no armazenamento e recuperação de informação.

A biblioteconomia foi a primeira, das ocupações relacionadas com a informação, a enfrentar a necessidade de novas formas de classificar e organizar esse imenso volume de conhecimento. Em termos de processo de profissionalização, fornece um exemplo prototípico das ocupações da informação.

No final do século XIX, tornou-se claro, especialmente nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, que o antigo modelo bibliófilo de estudioso aprendido em filosofia, ciências naturais e filologia, não acompanharia as novas exigências ocupacionais. Era necessária uma educação especial em problemas organizacionais. Era a hora de reconhecer, nas palavras de Abraham Kaplan, a necessidade de pessoal especializado nas "metaciências"-disciplinas, ou seja, sem as tradicionais disciplinas das artes liberais como suas principais preocupações: o necessário, ao contrário, era um conjunto de disciplinas cujo objeto fosse a organização do conhecimento em si.

Em última análise, as opiniões dos bibliotecários sobre a biblioteconomia como profissão e as opiniões do público sobre o assunto estão de acordo no ponto mais

saliente. Com base nos inúmeros artigos na literatura da biblioteca que lutam com o *status* da biblioteconomia e questionam a biblioteconomia como profissão, bem como na média popular que explora os estereótipos do bibliotecário, podemos concluir que, apesar de ser amado por uma série de proeminentes e não tão-proeminentes indivíduos, a biblioteconomia como a conhecemos é frequentemente tratada na cultura popular como uma profissão de baixo *status* ou não como uma profissão.

## 2. A Literatura como Fonte na Biblioteconomia

---

Embora os arquivos primários e a documentação contemporânea sejam utilizados como as principais fontes nesta investigação, outras fontes foram e podem ser valiosas para fornecer *insights* para a pesquisa sobre a evolução da história da biblioteconomia. Dentro da evidência comunicativa escrita, a literatura popular é uma fonte cuja relevância é irrevocável.

De facto, embora a literatura popular possa ser vista como uma fonte alternativa, é tida por muitos investigadores como uma fonte de informação indispensável para a História. Esta pode retratar as práticas da sua época, ao fornecer uma imagem do passado em que os lugares e a vida real dos povos antigos são retratados, “como pensavam e sentiam, as suas atitudes e valores, a maneira como encaravam a vida” (Neuburg, 2014). Nesse âmbito, é possível encontrar não apenas artigos de jornais e revistas, que tratam de assuntos atuais, mas também textos fictícios como dos géneros *poesia e romance*. Cetina (1994) refere que a ficção pode ser vista como um “aspecto rotineiro da vida”, podendo-se considerá-la um produto social e cultural (DiMaggio, 1987; Johnson, 1986; Watt, 1957). Dentro desta perspetiva, DeVault, considerando especificamente o caso da *novela*, destaca que:

...any sociologists of literature and some literary critics, recognizing that cultural works are produced in social context, have argued that novels can be taken as sociological data and used as indicators of prevailing attitudes and social relations. (DeVault, 1990, p. 887)

De facto, os romances podem ser vistos como uma imagem histórica da realidade nas suas dimensões económica, social e política. Frequentemente, essas obras literárias retratam a vida quotidiana de um determinado local e tempo, imitando as experiências humanas. Assim, os romances podem fornecer *insights* sobre o mundo e, conseqüentemente, o seu potencial de oferecer contribuições relevantes para a História é reconhecido. Tais romances são, efetivamente, fontes valiosas, especialmente porque podem preencher uma lacuna quando um fenómeno específico num determinado momento não é mais observável.

As obras literárias são muito ricas em descrições, o que as torna importantes como fontes de dados, exigindo ao mesmo tempo um método de gestão da recolha destes. Para obter uma descrição aprofundada do retrato dos bibliotecários e permitir



comparações entre as representações dos autores, foi realizada uma análise de conteúdo qualitativa, dada a sua flexibilidade e poder de sistematizar e reduzir os dados (Krippendorff, 2013; Schreier, 2021). Essa técnica é adequada para “produzir inferências de todos os tipos de dados verbais, pictóricos, simbólicos e de comunicação” (Krippendorff, 2013, p. 23). A sua abordagem qualitativa é geralmente útil ao “lidar com significados menos óbvios” e é necessário interpretar os dados para obtê-los (Schreier, 2021, p. 2), facto que ocorre principalmente com as fontes desta pesquisa, que estão repletas de material com significado latente.

Portanto, o uso de fontes alternativas às mais tradicionais na pesquisa da biblioteconomia, incluídas também no escopo da cultura popular, é cada vez mais necessário, porque, em alguns casos, as evidências não existem em outros lugares. Este campo de estudo tem muito a obter destas fontes e, especialmente, dos romances, que podem fornecer informações coevas sobre a vida das organizações e dos seus atores.

Consequentemente, os romances podem permitir uma compreensão mais detalhada das práticas e dos processos sociais, económicos e políticos. A construção de personagens fictícios serve-se geralmente de informações culturais disponíveis para o autor, que retrata as imagens dessas personagens e, muitas vezes, usa a ficção como veículo para alertar a sociedade, assim como para disseminar uma cultura. Estes produtos literários têm potencial para moldar o comportamento das pessoas porque podem assumir um papel educacional, ao mostrar imagens que não são novas nem indiferentes às pessoas comuns e que podem ser vistas como compartilhadas dentro de uma cultura. Contudo, a ficção não apresenta a experiência geral ou específica de qualquer indivíduo em particular. Como resultado, pode tornar tudo visível, o que inclui práticas reais, crenças e tabus, até como questões antiéticas. Tal realidade faz dos romances uma fonte importante para estudar, por exemplo, a percepção sobre os grupos, porque eles podem ser retratados sem restrições. Assim, na pesquisa contábil, eles podem enriquecer o conhecimento da percepção social acerca da biblioteconomia e dos bibliotecários.

Os estereótipos são um caso especial de percepção interpessoal (Snyder et al., 1977). De acordo com Kunda e Thagard (1996), os estereótipos referem-se à participação em categorias sociais como sexo, etnia, idade ou profissão, que se acredita estarem associadas a certas características e comportamentos. Garcia-Marques e Mackie (Garcia-Marques & Mackie, 1999) relacionam os estereótipos a uma imagem sobre certos grupos com características típicas, que os representam socialmente, facto

que facilita a comunicação, uma vez que se entende que o conteúdo do “rótulo” é conhecimento compartilhado - o qual, todavia, não está isento de julgamentos sociais; e a sua disseminação ocorre através de diferentes formas de comunicação (Hinton, 2000) -. A generalização dos “rótulos” é uma faceta importante deles, o que implica que todos os membros de um determinado grupo são percebidos de acordo com a mesma imagem. Portanto, o processo de estereotipagem resulta não apenas das relações interpessoais diretas, mas também dos valores sociais compartilhados pelas pessoas dentro de uma cultura já que os estereótipos são fenómenos individuais e culturais (Stangor, 2009).

Na biblioteconomia, as imagens criadas pela sociedade sobre a disciplina e os seus atores são dinâmicas e esse dinamismo é influenciado pelas práticas sociais e institucionais mostradas pelos média. De facto, a pesquisa relacionada com os estereótipos de bibliotecários não é nova e esse fenómeno foi analisado sob diferentes perspectivas e métodos, apelando para diferentes fontes de percepção.

Os estereótipos do bibliotecário podem ser atribuídos, em parte, às ansiedades culturais sobre o surgimento da profissão. Um dos argumentos centrais na história da biblioteca nos últimos 60 anos tem sido se a biblioteconomia é, pode ou deveria ser uma profissão e, se for uma profissão, se a biblioteconomia tem sucesso ou não no projeto de profissionalização.

A biblioteconomia surgiu na sua forma moderna durante uma época de rápida mudança na sociedade americana, à medida que a era vitoriana estava a acabar e uma nova atitude urbana e jovem estava a ter precedência sobre os valores mais tradicionais. O florescente campo da biblioteconomia foi varrido com esta mudança, que vinha em grande parte do sucesso esmagador do modelo de negócios capitalista.

Os primeiros bibliotecários americanos vieram quase que exclusivamente da pequena nobreza da Nova Inglaterra ou, em virtude da sua formação educacional e política, tornaram-se aceites como parte dessa classe. Eles acreditavam nas possibilidades de elevação moral para os pobres e incultos e viam-se como os missionários perfeitos para o trabalho.

Em meados da década de 70 do século XIX, a sociedade americana estava a afastar-se da classe instruída como um farol da autoridade moral e económica. Em vez disso, os filhos de homens educados começaram a voltar-se para atividades individualistas, e aqueles que seguiram caminhos mais comunitários foram vistos como antiquados. Ao

mesmo tempo, após a Guerra Civil Americana, um novo ideal de masculinidade começava a emergir: o *self-made man*.

No seu artigo *What it Means to Be a Man: Contested Masculinity in the Early Republic and Antebellum America* (*History Compass*, Vol. 10, No. 11, 2012), Bryan Rindfleisch descreve como o *self-made man* estava em desacordo com o velho ideal masculino, o *patriarca*, em vários níveis raciais e de classes. Embora o ponto de apoio mais forte do *patriarca* fosse no Sul, ele, como os líderes da biblioteca durante o final da centúria de oitocentos, estava imerso em valores culturais que valorizavam um *non-laboring livelihood* como *the emblem of one's elite status*. Os líderes da velha guarda da biblioteca eram uma espécie de versão híbrida desse arquétipo, já que de facto trabalhavam para viver, mas reverenciavam o *status* de elite que o *patriarca* representava.

À medida que a gentileza foi abandonada pelos jovens, tornou-se mais identificada tanto com os valores antiquados quanto com a feminilidade. As mulheres eram vistas como guardiãs da cultura, e elas levavam essa responsabilidade a sério. À medida que a sociedade refinada se tornava quase inteiramente incorporada pela *senhora*, a senhora refinada tornava-se “um novo tipo social - uma curiosa mistura de transição entre feminista e rainha doméstica”. Portanto, tal como a biblioteconomia resistiu à cultura consumista moderna hipermasculina, também se tornou um porto natural para a mulher moderna recém-aventureira.

Melvil Dewey foi um excelente exemplo do *self-made man* e, como tal, vinculou o *status* profissional ao poder e à influência. Ele aplicou táticas de negócios, como eficiência e empreendedorismo, ao seu trabalho como inovador em bibliotecas. Dewey foi levado a profissionalizar a biblioteconomia e conseguiu convencer os seus colegas a seguir esse caminho. Esse impulso resultou na fundação, em 1876, da *American Library Association* e, em 1887, da *School of Library Economy* no *Columbia College*.

No entanto, essa nova ideologia empresarial não foi adotada pela maioria dos líderes das bibliotecas até a década de 1890 e, nesse ínterim, a velha guarda não caiu sem lutar. À medida que a biblioteconomia americana estava florescendo numa profissão, as mesmas qualidades que tinham definido o bibliotecário erudito e instruído começaram a cair em desgraça, e a modernização ofuscou a preeminência da classe nobre como árbitros da correção cultural.

Durante esse tempo, a biblioteconomia estava num modo acelerado de elevação moral, lutando contra as marés de agitação trabalhista e ficção popular. Esta tensão entre uma visão idealizada de gentileza educada e o impulso implacável da modernização

capitalista, e entre o *self-made man* e sua irmã sufragista, ainda pode ser sentida em debates dentro da biblioteconomia hoje, sobre censura, preeminência da tecnologia, acesso à informação e ativismo social.

A biblioteconomia tende a ser uma ocupação voltada para o público, tanto no trabalho quanto fora dele. As pessoas reconhecem os bibliotecários em toda a sua comunidade e envolvem-nos na conversa. Com o aumento da comunicação online, os bibliotecários agora têm locais para discussão que são mais rápidos e atualizados com mais frequência do que o serviço postal ou conferências. Esses locais permitem a comunicação intercultural, não apenas entre diferentes variedades de biblioteconomia, mas em diversas localizações geográficas.

A biblioteconomia nem sempre foi uma ocupação dominada por mulheres. As mulheres caucasianas de classe média nos Estados Unidos começaram a ingressar em profissões “elegantes”, como a bibliotecária, apenas no final do século XIX. Foi muito mais tarde que mulheres de outras etnias conseguiram o ingresso na profissão. Os primeiros bibliotecários da América foram homens caucasianos educados de famílias estabelecidas na Nova Inglaterra. Muitos deles tiveram pais que trabalharam como clérigos ou professores. Os primeiros bibliotecários do sexo masculino também mudaram de carreira, o que contribuiu para o estereótipo dos bibliotecários como “homens que falharam em outra coisa”. Como escriturários encarregados de cuidar de livros, os bibliotecários do sexo masculino eram vistos como passivos e exigentes.

Quando as mulheres (caucasianas) começaram a entrar na profissão na década de 80 do século XIX, o estereótipo da bibliotecária ganhou uma nova dimensão. À medida que o estereótipo do bibliotecário masculino se tornava mais pronunciado, surgiu um novo estereótipo do bibliotecário feminino. Em 1900, surgiu o estereótipo passivo, submisso e simples do bibliotecário que reconhecemos hoje. Mulheres eram contratadas para assumir os aspectos menos desejáveis da biblioteconomia e recebiam baixos salários porque não tinham influência. Os administradores se esforçaram para contratar mulheres porque eram mais educadas do que os homens atraídos pela profissão e não podiam exigir salários comparáveis. No final da década de 20 do século XX, as mulheres caucasianas realmente passaram a dominar a biblioteconomia. Na verdade, em 1930, a biblioteconomia era 90% feminina.

As bibliotecárias eram automaticamente solteironas sexualmente reprimidas, porque era impossível para a cultura reconhecer uma mulher educada e inteligente com uma relação saudável com a sexualidade. Os bibliotecários do sexo masculino tinham de

ser *gays* porque era impossível imaginar um homem heterossexual (que neste contexto é confundido com o masculino) que faria voluntariamente “o trabalho das mulheres”. Esses estereótipos persistem apesar dos avanços nos direitos civis, porque esses pressupostos e desigualdades culturais ainda existem.

A tendência na biblioteconomia tem sido contrabalançar os efeitos negativos de ser uma ocupação feminizada com uma forte dose de profissionalismo. Em *The Male Librarian and the Feminine Image: A Survey of Stereotype, Status, and Gender Perceptions* (*Library and Information Science Research*, outubro-dezembro de 1992), o bibliotecário e investigador James Carmichael chama a atenção para a crítica feminista de que “profissionalismo muitas vezes foi modelado em estruturas institucionais masculinizadas preexistentes.” Outros investigadores argumentam que, porque “a gestão burocrática - abstrata, racional, objetiva, instrumental e controladora - tem sido essencialmente masculina na forma como foi incrementada e teorizada (...) pode considerar-se o caso de a profissão bibliotecária ser vista (...) como masculina na natureza.” Assim, a biblioteconomia resiste à fácil categorização como uma atividade “feminina” ou “masculina”, embora seja reivindicada (e às vezes denegrida) como ambas.

Em uma pesquisa enviada a quase 700 bibliotecários do sexo masculino, Carmichael tentou discernir certas visões da profissão, de uma perspectiva masculina. Ao perguntar sobre os possíveis estereótipos masculinos, Carmichael recebeu alguns resultados esperados que reforçam ainda mais o estereótipo do bibliotecário *gay* masculino e do bibliotecário desleixado, contando ambos com um estereótipo de homens femininos (ou emasculados). Os resultados da pesquisa, no entanto, fornecem uma visão hétero-normativa dominada por homens na biblioteconomia. Subjacente à discussão dos entrevistados sobre o estereótipo masculino *gay* está o medo de ser considerado *gay* ou muito feminino por exercer uma profissão feminina. Dez anos depois, Paul S. Piper e Barbara E. Collamer recriaram a pesquisa de Carmichael para o seu trabalho *Male Librarians: Men in a Feminized Profession* e descobriram que os bibliotecários do sexo masculino se sentem relativamente confortáveis no campo e, além disso, não o vêem como uma “profissão de mulher.”

Na década de 50 do século XX, a biblioteconomia estava no que alguns chamam a “idade de ouro”. O apoio federal estava a crescer e as bibliotecas eram cada vez mais utilizadas para complementar o ensino público. A literatura bibliotecária observou e ignorou o facto de que as mulheres, que constituíam a maioria da profissão bibliotecária nessa altura, eram contratadas com mais frequência em regime de meio período, bem

como lhes pagavam menos e eram promovidas com menos frequência do que os homens. Essas estatísticas começaram a ser abordadas quando houve um aumento nas perspectivas feministas na biblioteconomia nas décadas de 60 e 70.

As bibliotecas públicas estão encarregues de fornecer os seus serviços a toda a comunidade, essencialmente oferecendo equidade de acesso democrático aos seus recursos. A equidade de acesso abrange todos os membros de uma comunidade, com o direito de usar a informação e os livros, entre outros recursos, de que precisam independentemente da sua capacidade de pagar, apostando-se na gratuidade dos serviços, ou sem influência ou preconceito indevido de outras pessoas que podem desejar impedir o acesso.

O direito de qualquer pessoa, independentemente da sua etnia, do seu credo ou da sua cor, para aceder ao conhecimento adquirido pela humanidade é algo que é fácil ter como certo, mas, em última análise, esse é o papel-chave da biblioteca pública para a sua comunidade. Esta é uma vertente-chave do conjunto público IFLA / UNESCO: o *Manifesto da Biblioteca*, afirma que, “services of the public library are provided on the basis of equality of access for all, regardless of age, race, sex, religion, nationality, language or social status” (IFLA, 2004).

### 3. Evolução das Bibliotecas Públicas nos EUA

---

As Bibliotecas públicas, no sentido moderno, são instituições locais ou municipais que oferecem serviços gratuitos de biblioteca ao público em geral e apoiadas por dinheiro fiscal; nos Estados Unidos datam pelo menos de 1833, quando Peterborough, New Hampshire, estabeleceu a sua biblioteca pública. A primeira grande biblioteca pública de uma grande cidade foi estabelecida em Boston durante o período 1845-54. Em 1849, New Hampshire tornou-se o primeiro estado a aprovar legislação abrangente de habilitação, facilitando o processo para as localidades estabelecerem bibliotecas públicas. Mas o movimento da biblioteca pública só cresceu lentamente nas décadas após estas estreias na Nova Inglaterra (McMullen, 2000).

Embora as bibliotecas públicas tenham vindo a preencher uma variedade de papéis, recreativos e educativos, foram originalmente concebidas como parte do movimento educativo mais amplo da nação, e foi a sua função educativa que forneceu a principal justificação para o apoio público. Assim, é instrutivamente operacional colocar o calendário da expansão das bibliotecas públicas no contexto mais amplo de duas outras mudanças importantes no aparelho educativo dos Estados Unidos: o aparecimento do ensino primário obrigatório e a inscrição no ensino secundário. O movimento escolar gratuito e obrigatório defendido por Horace Mann já tinha quase cinquenta anos quando o movimento da biblioteca começou a crescer. No final do século XIX, a maioria das crianças no país estava matriculada na escola primária e muitos Estados aproximavam-se do ensino primário quase universal. O movimento da biblioteca pública parece ter iniciado a sua aceleração um pouco antes da grande subida das matrículas do ensino secundário (T. Jones, 1997, p. 17).

Borden aduziu vários fatores por detrás do aumento das bibliotecas públicas, que anotou como ocorrendo entre 1850 e 1890. O primeiro foi o papel do governo federal; o segundo foi a grandeza dos filantropos; e, em terceiro lugar, a procura de atividades educativas resultantes da ascensão de uma classe média e trabalhadora abastada, que tinha mais tempo para lazer e era mais capaz de influenciar a despesa pública através do sufrágio. Borden parece ter sido o primeiro historiador em Biblioteca a começar a catalogar o conjunto de fatores de oferta e procura, e inovações institucionais, que foram provavelmente responsáveis pelo crescimento de bibliotecas públicas em aldeias, vilas, cidades e condados em todos os Estados Unidos (Borden, 1931, pp. 278–282).

O período 1870-1930 testemunhou o surgimento da biblioteca pública local como uma instituição americana generalizada e duradoura. As bibliotecas públicas, que proliferaram pela paisagem americana no final da primeira década de oitocentos, evoluíram de algumas instituições precedentes, mais notavelmente, as chamadas bibliotecas sociais e bibliotecas do distrito escolar. As bibliotecas sociais eram tipicamente corporações formadas por associações voluntárias e financiadas por subscrição ou emissão de ações. McMullen identifica 3.296 bibliotecas sociais existentes nos Estados Unidos antes de 1876 (McMullen, 2000, p. 59). Muitas destas bibliotecas sociais acabaram por ser transformadas em bibliotecas verdadeiramente públicas (Joeckel, 1935). Como McMullen nota: “When the members of a library society lost interest in their collection, they often turned it over to the town government, which converted it to a public library by supporting it financially and opening it to the citizens of the town.” (McMullen, 2000, p. 123). Em algumas comunidades, as bibliotecas apoiadas publicamente competiram com bibliotecas sociais durante algum tempo. Em Otsego, Michigan, por exemplo, a *Ladies' Library Association* desenvolveu a sua própria coleção de livros a partir de 1868, apesar da presença da biblioteca municipal, fundada em 1844; no entanto, a expansão da coleção da biblioteca municipal, na década de 80 da mesma centúria, afastou os membros dessa Associação. As duas instituições acabaram por se fundir quando a *Ladies' Association* vendeu o seu edifício e os seus livros ao Município, em 1905.

As bibliotecas sociais partilhavam comumente a mesma forma organizacional básica que as bibliotecas públicas gratuitas, sendo governadas por um conselho de curadores, cuja adesão constituía frequentemente um *who's who* dos residentes. Em algumas comunidades, as bibliotecas públicas gratuitas continuaram a ser entidades jurídicas não governamentais e prestaram os seus serviços sob contrato estabelecido com os governos locais. No início da década de 30 do século XX, segundo Carleton Joeckel, um sexto das bibliotecas públicas em cidades de mais de trinta mil pessoas era propriedade de, ou controlado por associações ou corporações legalmente independentes do governo da cidade (Joeckel, 1939, p. 79). Neste sentido, os conselhos de administração das bibliotecas sociais concordaram em entregar as bibliotecas sociais “privadas” para uso público em troca de um financiamento estável dos municípios. A existência de uma grande oferta destas bibliotecas sociais disponíveis para conversão deve ser considerada na explicação do crescimento das bibliotecas públicas. Joeckel estima que “of the first twenty-five free libraries established in Massachusetts ...



seventeen absorbed one or more preceding social libraries in various ways, some as outright gifts, some by purchase, and some as more or less permanent loans.” (Joeckel, 1939, p. 24), naturalmente tendo em conta o papel das bibliotecas sociais como precursoras de instituições verdadeiramente públicas.

A biblioteca do distrito escolar foi outro importante precursor da moderna biblioteca pública livre. As bibliotecas geridas por distritos escolares locais destinavam-se muitas vezes a disponibilizar materiais de leitura não só às crianças em idade escolar, mas também aos adultos. Em 1835, o Estado de Nova Iorque aprovou a primeira lei da biblioteca do distrito escolar do país, permitindo que os distritos escolares tributassem com o propósito de prestar serviço gratuito de biblioteca aos alunos e ao público (Bobinski, 1968: 4). Leis semelhantes seriam aprovadas em catorze outros Estados até 1855. Estas bibliotecas eram bastante numerosas até meados do século: o recenseamento de 1850 reportou um total de pouco mais de doze mil em todo o país (McMullen, 2000, pp. 23–53). O regime de prestação de serviços de bibliotecas ao público em geral através de bibliotecas administradas por distritos escolares locais acabou por dar lugar à biblioteca pública gerida por cidades. Joeckel e C. Seymour Thompson sugerem que o movimento da biblioteca do distrito escolar estava mal direcionado em todos os lugares, em alguns tendo sido imposto de cima para baixo a partir do nível do Estado e geralmente criando bibliotecas que eram demasiado pequenas para serem instituições comunitárias viáveis (Ditzion, 1953; Joeckel, 1939, pp. 13–14). No entanto, as bibliotecas do distrito escolar criaram precedentes importantes, estabelecendo a legitimidade da tributação em apoio ao serviço gratuito das bibliotecas públicas e ligando bibliotecas e educação pública na mente do público.

Localidades desejosas de bibliotecas públicas não podiam simplesmente estabelecê-las intencionalmente. Antes do New Hampshire permitir que a legislação de 1849 se espalhasse para outros Estados, uma localidade não tinha base legal conveniente para tributar a propriedade local a fim de financiar uma biblioteca - na medida em que os serviços de biblioteca local eram um bem público local, que os residentes aproveitavam sem contribuir para a manutenção daquela.

A publicação de legislação, que autorizou localidades a utilizarem fundos fiscais para apoiarem bibliotecas públicas, evoluiu a partir do precedente do financiamento local das escolas públicas através do movimento de bibliotecas do distrito escolar, atrás mencionado.

As constituições estatais de Indiana e Michigan incluíam disposições que abrangiam essencialmente as bibliotecas de cidades durante o período 1830-60. Conseqüentemente, das 1.659 bibliotecas públicas gratuitas, que McMullen conseguiu identificar no centro-Oeste, entre 1786 e 1876, Michigan e Indiana tinham mais bibliotecas públicas do que estados semelhantes nas proximidades, como Wisconsin, Illinois e Ohio. Estas bibliotecas de cidades mandatadas, estabelecidas no Michigan e no Indiana em meados da primeira década do século XIX, eram pequenas, muitas vezes não mais do que uma prateleira de livros, e não sobreviveram muitos anos.

Também importante para permitir o desenvolvimento de bibliotecas públicas, foram as comissões de bibliotecas estatais e associações de bibliotecas estatais, que atuaram como defensores a tempo inteiro e guias para a criação de novas bibliotecas em municípios e condados do Estado. Criadas por legislação, as comissões de bibliotecas eram entidades do Estado, tipicamente com pequenos orçamentos, constituídas por alguns funcionários profissionais e a tempo inteiro encarregados de ajudar as localidades a estabelecerem bibliotecas. Estes funcionários viajaram pelo Estado, explicando a legislação das bibliotecas e ajudando a estabelecer bibliotecas. Também explicaram os procedimentos para a obtenção de bolsas Carnegie para edifícios de bibliotecas públicas. Escrevendo sobre o Alabama, Shannon White opinou que “without an effective state library program in place and lacking public support, communities experienced great difficulty in gathering information necessary for participation in the Carnegie program.” (White, 1997, p. 4). As associações de bibliotecas eram organizações voluntárias com uma missão semelhante, tendo como membros os bibliotecários das bibliotecas públicas existentes. A *New Hampshire Library Association* foi aparentemente a primeira associação estatal, fundada em 1889, enquanto a *New York Library Association* foi fundada em 1890, e outras associações de bibliotecas estatais seguiram-se-lhes.

O calendário da grande expansão das bibliotecas públicas coincide estreitamente com esta formação de associações e comissões de bibliotecas estatais. É claro que, em certa medida, estas entidades foram crescimentos endógenos da disseminação de bibliotecas públicas locais e de grupos de interesses aliados.

Os estudantes de *História* da biblioteca pública local e nacional notaram que o movimento da biblioteca estava indissociavelmente ligado ao crescimento das organizações femininas e à eventual obtenção de sufrágio. O último quartel do século XIX assistiu a uma proliferação de clubes literários e culturais femininos em cidades

americanas (Blair, 1980). A ideologia do clube da mulher, *domestic feminism*, enfatizou o papel das mulheres na educação e no aumento cultural; e as bibliotecas tornaram-se uma componente fundamental dos seus esforços de reforma social e cívica (McCauley, 1971). Uma afirmação frequente na historiografia da Biblioteca é que, na década de 30 do século XX, “75 percent of the public libraries in this country owed their origins to women’s clubs.” (Gere, 1997). Embora a fonte original e a veracidade deste número sejam incertas, parece ser de uma magnitude plausível: Paula Watson cita provas documentais de vários Estados para apoiar a alegação geral: a partir de 1937, por exemplo, 70% das bibliotecas públicas de Oklahoma “owe[d] their existence to women’s clubs.” (Watson, 1996, pp. 159–196). As organizações femininas também fundaram a maioria das bibliotecas públicas em Estados como Kansas, Virgínia, Flórida e Dakota do Norte durante o período em consideração e, muitas vezes, foram a força motriz por detrás da solicitação de fundos de fontes filantrópicas como Andrew Carnegie. A Federação de Clubes femininos do Iowa foi um dos principais impulsionadores da pressão da legislação estatal para a criação de uma comissão estatal de bibliotecas com vista a promover o desenvolvimento de bibliotecas locais e a formação de bibliotecários (Goldstein, 2003, pp. 214–235).

A filantropia de Andrew Carnegie teve um papel importante na disseminação de bibliotecas públicas. As bolsas Carnegie, por exemplo, ajudaram a estabelecer cerca de 85% das maiores bibliotecas públicas da Califórnia existentes em 1919 (Kortum, 1991, p. 1). Quase 1700 comunidades receberam subvenções para estabelecer, melhorar ou substituir edifícios de bibliotecas. Um *slogan* comum é que Carnegie *transformed the American library landscape* (Askt, 2005). Carnegie atribuiu apenas algumas condições às subvenções: o município teve de doar o terreno; teve de concordar em dedicar à receita fiscal anual da biblioteca, o valor equivalente a 10% da subvenção de construção; e os planos de construção tiveram de ser revistos pelo secretário de Carnegie, James Bertram, antes de os fundos serem entregues.

Carnegie não era o único filantropo da biblioteca: em todo o país, os principais benfeitores financiavam bibliotecas durante a sua vida ou deixavam legados para bibliotecas públicas. Pelo que sabemos, ninguém compilou um conjunto de números abrangentes para estimar a soma desta outra filantropia privada, mas a observação casual das histórias de centenas de bibliotecas locais sugere que foi substancial. Samuel Green fornece um relato no qual recorda o seu envolvimento com muitos dos esforços filantrópicos e voluntários da época (Green, 1913). James Wellard também dá destaque

à filantropia no seu livro de 1937, *Book Selection: Its Principles and Practice* (Wellard, 1937).

Os governos locais foram, obviamente, a outra fonte principal de financiamento das bibliotecas públicas, e a capacidade fiscal dos governos locais parece ter crescido substancialmente durante este período. John Wallis refere-se ao período 1842-1933 como *the era of property finance and local government*. (Wallis, 2000, pp. 61–82). Entre 1890 e 1922, correspondendo aproximadamente ao período de expansão rápida das bibliotecas públicas, as receitas das administrações locais aumentaram de menos de 3% do PIB para mais de 5%. A percentagem de receitas totais do governo a todos os níveis, atingiu o seu pico histórico nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, de cerca de 56% (Wallis, 2000, p. 65). A fonte predominante das receitas fiscais locais foi o imposto sobre a propriedade. O aumento da tributação imobiliária foi politicamente viável na medida em que financiou benefícios, que aumentaram os valores imobiliários locais, como escolas, serviços públicos, infraestruturas e talvez serviços de biblioteca. Embora as bibliotecas tenham permanecido provavelmente uma pequena e estável fração dos orçamentos locais, a expansão geral das autarquias locais durante este período alterou os constrangimentos orçamentais para todas as formas de despesa local (Joeckel, 1939, p. 29).

Na medida em que as bibliotecas públicas são vistas como um aspeto de um movimento mais amplo no sentido de uma maior oferta pública de educação, alguns dos mesmos fatores de procura associados ao aumento da escolaridade em massa, nos séculos XIX e XX, também terão sido relevantes para as bibliotecas. Estudos recentes sugerem que o crescimento económico e o conseqüente aumento do rendimento médio e da riqueza, em curso nos Estados Unidos na viragem do século, desempenharam um papel importante no aumento das matrículas escolares, tanto nos níveis primário como secundário (Goldin, 1998; Lindert, 1994, pp. 1–37), mas o aumento dos rendimentos é apenas parte da história. Como notam Claudia Goldin e Lawrence F. Katz, as taxas de frequência do liceu em Inglaterra ficaram muito aquém das dos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX, apesar de os rendimentos *per capita* serem semelhantes (Goldin & Katz, 1999, pp. 683–723).

O aumento dos níveis de alfabetização e realização educacional deve ter aumentado a procura de serviços de biblioteca, embora a causalidade inversa também possa ter ocorrido. Um debate perene na história da educação e da literacia nos Estados Unidos é a importância dos mandatos legislativos. Ao explicar as elevadas taxas de

matrícula do ensino básico e secundário, tem sido dada atenção às leis de escolaridade e trabalho infantil obrigatórios. Investigações recentes sugerem que as leis de escolaridade obrigatória tiveram um impacto bastante modesto nas matrículas escolares (Goldin & Katz, 2008, pp. 275–310). Mas na medida em que estas leis foram eficazes, reforçaram a procura de bibliotecas sob o pressuposto de que as bibliotecas e a escolaridade eram complementos e não substitutos (Steinhilber & Sokolowski, 1966).

A dimensão populacional de qualquer localidade teria provavelmente influenciado o desenvolvimento de bibliotecas. Para ser atraente para os leitores, uma coleção de biblioteca tinha de ter uma escala mínima. Quanto maior fosse a comunidade dos contribuintes, menor seria o custo por pessoa de atingir essa escala. Por isso, era pouco provável que as bibliotecas locais surgissem até que uma comunidade local atingisse um limiar apreciável de tamanho ou densidade populacional.

Muitos autores sugeriram que as bibliotecas eram exigidas por cidadãos estabelecidos para assimilar ou controlar grupos de imigrantes (Aderman & Corré, 1983, pp. 255–276; P. A. Jones, 1999). Mas a presença de um grande número de imigrantes pode também ter contrariado a procura de bibliotecas públicas, na medida em que a heterogeneidade étnica estava associada a uma maior heterogeneidade nas preferências dos bens públicos ou aos níveis mais baixos de envolvimento cívico, como sugerido, por exemplo, por Goldin e Katz na sua pesquisa sobre o movimento do ensino secundário (Alesina et al., 1999, pp. 1243–1284). Dora Costa e Matthew Kahn resumem uma série de trabalhos empíricos desenvolvidos por economistas, que utilizam dados atuais e históricos e que mostram que o menor envolvimento cívico é medido pelas taxas de voluntariado, afiliação em organizações, gastos do Estado em bens públicos ou redistribuição, níveis de confiança auto-reportados e outras medidas (Costa, 2003, p. 26).

Por último, as mudanças nas preferências e na ideologia foram provavelmente importantes, o que é difícil de medir. Tais viragens foram ativamente prosseguidas por promotores da Biblioteca, referidos como *missionários* e *apóstolos* por Dee Garrison (Garrison, 2003).

Lowell Arthur Martin sugere que a ideologia do movimento da biblioteca pública foi uma amálgama de quatro concepções do papel das bibliotecas: enquanto instituições democráticas, que promovem a cidadania; enquanto instituições de ensino, que complementam as escolas públicas, desde cedo destinadas à continuação da educação e da autoeducação de adultos, mas na década de 1920, cada vez mais a servir as crianças

como a sua principal função educativa; como fonte de material de leitura recreativa; e como instituições, que servem uma missão humanitária, oferecendo uma alternativa ao salão, elevando a juventude e controlando as massas (Ditzion, 1953; Martin, 1998). Nas crescentes comunidades do Império Interior de Washington, as bibliotecas foram indicadoras do progresso económico e dos incentivos aos colonos para se instalarem em cidades de tipo progressista. No Utah, diferentemente, o discurso público tratava as bibliotecas como locais onde a moral da juventude rebelde poderia ser melhorada. As bibliotecas proporcionavam um ambiente ameno e davam um sinal de prosperidade usado na competição entre cidades para atrair novos residentes, mesmo nos casos em que os atuais residentes não valorizavam muito os serviços das bibliotecas (Kevane & Sundstrom, 2014, pp. 117–144).

## 4. Os Estados Unidos da América em meados do século XX: Contexto Histórico

---

A biblioteconomia como prática social interage com os seus contextos sociais e culturais dos quais faz emergir e desenvolve identidades bibliotecárias. Assim, a biblioteconomia e o retrato dos bibliotecários fornecidos pelas fontes deste trabalho precisam de ser interpretados à luz do cenário local mais amplo a que pertencem - o século XX dos Estados Unidos da América. Este período foi marcado por lutas, tendo estes Estados experimentado um progresso significativo nas vertentes políticas, económicas, sociais e culturais.

O século XX foi uma época de enormes mudanças na vida americana. Nas primeiras décadas da centúria, o povo americano beneficiou do crescimento industrial e também experimentou os seus efeitos adversos. Mão-de-obra barata e fabrico em linha de montagem tornaram possível a produção em massa. As redes ferroviárias transportavam os bens produzidos em grande quantidade, muitos deles como resultado de novas tecnologias, por todo o país. Montgomery Ward, J.C. Penney e outros retalhistas expandiram as suas operações e lançaram as bases para a sociedade voltada para o consumo, que evoluiu expansivamente no final do século. Materialmente, os padrões de vida dos moradores da cidade melhoraram constantemente, não apenas em alimentos, abrigo, moradia e outros bens materiais, mas também em saúde e educação. Livros, revistas, jornais e bibliotecas públicas, financiados em parte pela benevolência de Andrew Carnegie, contribuíram para as suas vidas intelectuais. A realização sexual nos relacionamentos conjugais continuava ganhando importância, e a vida familiar refletia cada vez mais os ideais de companhia. Filmes mudos e desporto amador e profissional ajudaram a preencher os tempos de lazer. Os escoteiros, masculinos e femininos, fundados respetivamente em 1908 e 1910, proporcionaram oportunidades recreativas e educacionais para as crianças. Foi nesse contexto que as autoras desenvolveram os trabalhos literários em análise neste estudo. A seguir, são apresentadas ambas as Autoras, os seus trabalhos e uma caracterização concisa da corrente literária a que pertencem.

Para aqueles da classe trabalhadora, os efeitos do crescimento industrial eram frequentemente adversos. Os sindicatos desfrutavam de pouco apoio público, careciam de *status* legal, sofriam de diferenças internas, eram enfraquecidos por depressões

económicas periódicas e não tinham poder para combater o uso pelos empregadores de táticas antissindicais, como a contratação de golpistas.

A aglomeração de trabalhadores industriais e de suas famílias nos distritos residenciais atuava contra o tipo de vizinhança, que caracterizava a vida nas pequenas cidades. O salão era o clube social de muitos imigrantes: fornecia almoços baratos ou gratuitos, serviços bancários e notários, jogos de fortuna e azar, espaços de festas e sedes políticas. A morte prematura perturbou muitas famílias: na viragem do século, a expectativa de vida no nascimento para homens caucasianos era de 46,6 anos; para homens negros, 32,5 anos; para mulheres caucasianas, 48,7 anos; e para mulheres negras, 33,5 anos. A taxa de mortalidade materna, em 1915, era de 61 por 1.000 nascidos vivos (em comparação a 8, em 1990); a taxa de mortalidade infantil era de 100 por 1.000 nascidos vivos (comparada a 7,6, em 1990) e era duas vezes maior para os negros. O divórcio também causou interrupções. O número de divórcios foi 15 vezes maior em 1920 do que em 1870; em meados da década de 1920, um em cada sete casamentos terminou em divórcio. Verificavam-se problemas morais evidentes na corrupção das máquinas políticas urbanas, alta delinquência juvenil e taxas de criminalidade (a taxa de homicídios quadruplicara em Nova York nas últimas duas décadas do século XIX); e a prostituição generalizada foi associada a problemas de saúde: doenças e epidemias resultantes em parte devido a deficiências de disponibilização de água e esgotos.

Jornalistas conhecidos como *muckrakers* focaram-se nos males sociais. Lincoln Steffens, por exemplo, descreveu “a vergonha das cidades” e Upton Sinclair expôs condições terríveis em fábricas de empacotamento de carne. Ativistas pragmáticos trabalharam para melhorar as condições sociais. Walter Rauschenbusch liderou um movimento do *Evangelho Social*, que pedia que as igrejas promovessem a justiça social. Margaret Sanger abriu a primeira clínica de controlo de natalidade em Brooklyn, em 1916. Quatro anos depois, a *Youngs Rubber Company* introduziu preservativos da marca Trojan.

Acreditando na *Promessa da vida americana* (o título de um livro de 1909, de Herbert Croly), os reformadores, na que é conhecida como a *Era Progressista*, defendiam leis projetadas para cumprir essa promessa. Os resultados dos seus esforços incluíram a *Lei de Alimentos e Drogas Puras* e a *Lei de Inspeção de Carne* (1906), destinadas a proteger os consumidores contra produtos contaminados ou inseguros; o *Federal Reserve Act* (1913), para trazer ordem ao setor bancário; o estabelecimento da



*Federal Trade Commission* (1913), para investigar e processar empresas por práticas comerciais desleais; e a *Lei Antitrust* de Clayton (1914), para restringir o poder das relações de confiança. Para tornar o governo mais ágil e responsável, os reformadores promoveram novas práticas conhecidas como *referendo* e *iniciativa*, além de eleições primárias diretas, votação secreta e eleição direta de senadores, a última realizada pela 17.<sup>a</sup> Emenda à Constituição dos EUA (1913). A 19.<sup>a</sup> Emenda (1920), garantindo o direito de voto das mulheres, foi um marco significativo na campanha pelos direitos das mulheres, iniciada em meados do século anterior. O movimento Progressista fez pouco mais pelas mulheres, no entanto, e menos ainda pelos afro-americanos. As leis de Jim Crow, promulgadas nos estados do Sul, entre 1890 e 1910, sancionaram a discriminação étnica e restringiram o direito de voto dos negros. A segregação por etnias foi defendida como sendo “no interesse do negro”. Booker T. Washington, o afro-americano mais famoso, parecia concordar ao defender políticas de acomodação. W. E. B. Du Bois, autor de *The Souls of Black Folk* (1903), desafiou-o e liderou a fundação da *Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor* (1909) (Whitfield, 2004).

## 5. Jane Smiley e Elizabeth McCracken

---

Jane Graves Smiley, nascida em 26 de setembro de 1949, em Los Angeles, na Califórnia, EUA), é uma Romancista americana conhecida pelas suas obras líricas, que se centram nas famílias em ambientes pastorais.

Smiley estudou literatura no *University Vassar College* (B.A., 1971) e na *University of Iowa* (M.A., 1975; M.F.A., 1976; Ph.D., 1978). De 1981 a 1996, foi professora de Inglês na *Iowa State University* e, posteriormente, passou a escrever a tempo integral.

O seu primeiro romance, *Barn Blind* (1980), foca as relações entre uma mãe e os seus filhos. *Duplicate Keys*, um romance de mistério que apareceu em 1984. *The Greenlanders* (1988) é um épico arrebatador centrado em uma família do século XIV, os *Gunnarssons*. *A Thousand Acres* (1991; filme 1997), que ganhou o Prémio Pulitzer, é o romance mais conhecido de Smiley. Inspirado no Rei Lear, de William Shakespeare, concentra-se na família Cook e na vida na fazenda em Iowa na década de 1980. A lista de romances subsequentes de Smiley inclui: *Moo* (1995), uma sátira à Academia; *Horse Heaven* (2000), sobre corridas de cavalos; *Ten Days in the Hills* (2007), uma reformulação de *Decameron* de Giovanni Boccaccio, ambientada em Hollywood; e *Private Life* (2010), que examina o casamento e a vida interior de uma mulher. *Some Luck* (2014), que abrange 33 anos na história dos *Langdons*, uma família de agricultores, o primeiro volume de uma trilogia, da qual *Early Warning* e *Golden Age* (ambos de 2015) - o segundo e o terceiro volumes -, foram narrativas expansivas sobre as gerações subsequentes do clã Langdon. Smiley também escreveu *The Georges and the Jewels* (2009), um romance para jovens adultos.

Entre as obras de não ficção de Smiley estão uma biografia de Charles Dickens (2002) e *A Year at the Races* (2004), um livro de memórias das suas experiências como dona de um cavalo de corrida. *Treze maneiras de ver o romance* (2005) é um estudo seu altamente pessoal da forma e da função do romance. Smiley foi eleita para a Academia Americana de Artes e Letras em 2001; e, em 2006, ganhou o prémio *PEN USA* pelo conjunto das suas obras literárias.

A obra *Duplicate Keys* foi escolhida para a nossa investigação, por apresentar uma bibliotecária numa Biblioteca Pública como personagem relevante e no contexto histórico pretendido.

McCracken, nasceu em Boston, Massachusetts (1966). Estudou no *Iowa Writers' Workshop*; formou-se na *Newton North High School* em Newton, Massachusetts; e

obteve o B.A. e um M.A. em Inglês pela *Boston University*, um M.F.A. da *University of Iowa*, e um M.S. em Biblioteconomia pela *Drexel University*. Em 2008 e 2009, McCracken morou em Cambridge, MA, onde foi bolsista do *Radcliffe Institute for Advanced Study*. É casada com o romancista Edward Carey, tendo um filho, August George Carey Harvey, e uma filha, Matilda Libby Mary Harvey; uma terceira criança morreu antes do nascimento, experiência que serviu de base para as memórias de McCracken.

McCracken detém a cátedra *James Michener* de Ficção do *Michener Center for Writers* da Universidade do Texas, em Austin. O marido também estudou no *Iowa Writers 'Workshop*. É irmã do ex-editor-chefe da revista *PC World* e fundador do *Technologizer.com* Harry McCracken. Em 2014, McCracken publicou a sua primeira coleção de histórias em 20 anos: *Thunderstruck & Other Stories*.

Elizabeth McCracken, uma romancista literária e ex-bibliotecária pública, cria uma personagem bibliotecária em *The Giant's House*, que foi selecionada como livro do *Book-of-the-Month Club* e finalista do National Book Award. A personagem da bibliotecária joga com estereótipos até certo ponto, sendo solteira e sem família ou amigos. No entanto, ela muda essa situação no romance quando se apaixona por um homem deficiente 15 anos mais novo. McCracken também escreveu contos com bibliotecários como personagens: Ela escreve sobre o que sabe (Dowling, 2001).

## 6. Metodologia

---

Esta investigação é de natureza qualitativa e assenta nos métodos de pesquisa e análise documental e de análise de conteúdo. Os dados empíricos utilizados nesta pesquisa provêm de duas obras literárias publicadas pela primeira vez em meados do século XX: *Duplicate Keys*, de Jane Smiley, e *The Giant's House*, de Elizabeth McCracken. Estas fontes foram selecionadas pelos critérios do destaque dado por estas autoras ao bibliotecário, amplamente retratado e assumindo os papéis principais das tramas; e de personagens trabalhando em Bibliotecas Públicas – uma vez que a nossa Dissertação enfoca a institucionalização da profissionalização do bibliotecário.

Adaptei a orientação de Burns (1998), em *Librarian in Fiction*, para a escolha das obras a analisar no meu trabalho; e de forma a reduzir um mais vasto leque de possibilidades que se enquadravam na época escolhida e que tinham como protagonistas um bibliotecário que fosse funcionário de uma Biblioteca Pública.

Na introdução de Burns - bibliotecário de referência por 21 anos -, é analisada espirituosamente a obsessão dos bibliotecários com a sua imagem pública e as formas como os escritores de ficção retratam os bibliotecários. Infelizmente, o estereótipo negativo geralmente prevalece. No entanto, este é um guia muito bem-humorado e funcional para uma “boa e interessante ficção com bibliotecários” publicado em inglês no século XX, em 1998. São listados, também, trabalhos elegíveis que apresentam bibliotecários como personagens (não trabalhadores funcionando como profissionais de biblioteca) e que tiveram um papel relevante. Obras de ficção para jovens adultos e crianças, romances e ficção cristã foram excluídas. As cinco categorias consideradas - romances, contos, peças teatrais, fontes secundárias e “A escolha do bibliógrafo” -, estão organizadas em ordem alfabética por autor. As anotações identificam o personagem bibliotecário e fornecem um resumo do enredo, alertas de estereotipagem e uma avaliação da qualidade da escrita. Incluem-se referências cruzadas para pseudónimos e um Índice.

Os bibliotecários, não menos do que outros, querem ler sobre si mesmos e saber como são considerados. O bibliotecário estereotipado ou fictício - aquele com coque, sapatos confortáveis e comportamento severo -, pode estar desaparecendo, mas a literatura de ficção encerra uma lição sobre a perceção do público: na verdade, bibliotecários em histórias são frequentemente descritos como adaptáveis, experientes, astutos, diplomáticos, ternos e inteligentes. Em *Librarian in Fiction*, todas as entradas

incluem dados bibliográficos completos, seguidos por uma longa anotação, que discute como o bibliotecário se encaixa na história; e dá uma visão de como ele, ou ela, é retratado.

O método de análise de conteúdo, escolhido na nossa investigação, segundo Estrela (2015, p. 416), é utilizado em sentido restrito pelas Ciências Sociais para a exploração de documentos. Os dados recolhidos são predominantemente descritivos e destacam o significado, ao incidirem na compreensão do comportamento a partir das representações das autoras sobre quer os bibliotecários quer as bibliotecas. (Miranda, 2009, p. 36). Sintetizando, o método de análise de conteúdo compreende as seguintes fases: leitura geral do material coletado; codificação para a formulação de categorias de análise; recorte do material, em unidades de registro comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico; estabelecimento de categorias que se diferenciam, tematicamente, nas unidades de palavras; agrupamento das unidades de registo em categorias comuns; agrupamento progressivo das categorias; e a inferência e interpretação, respaldadas no referencial teórico (Silva & Fossá, 2015, p. 4).

A análise de conteúdo implica delinear um quadro para examinar os dados (por exemplo, em Krippendorff, (2013). Esse procedimento pode ser visto como uma restrição (Harwood & Garry, 2003; Schreier, 2012), uma vez que orienta os investigadores, restringindo o seu foco a aspetos particulares. No entanto, como é o caso desta investigação, pode ser visto como uma vantagem em estudos em que uma quantidade considerável de aspetos específicos é importante para inferir sobre um fenómeno (Schreier, 2012). Este método tem sido usado em pesquisas de estereótipos em geral (por exemplo, em Ganahl, Prinsen, & Netzley, 2003; ou Long et al., 2010).

Estrela (2015 pp. 455–456) assinala ainda os critérios de análise das categorias - coerência; homogeneidade; exclusividade recíproca; e exaustividade -, os quais tentámos respeitar ao máximo.

A leitura geral do material coletado foi realizada para os capítulos um a cinco; e procederemos em seguida à análise de dados em categorias, subcategorias e indicadores, procurando chegar a um perfil do bibliotecário e caracterização do ambiente de trabalho-biblioteca, do ponto de vista das representações das autoras.

No âmbito dos critérios de pesquisa, com início em setembro de 2019, foi realizada uma revisão sistemática baseada em palavras-chave, com o objetivo de investigar pesquisas sobre a percepção social na literatura sobre os bibliotecários. Para tal, a pesquisa em bases de dados foi efetuada somente em inglês, pois, para além da

presente necessidade de informação a uma escala global, o inglês também é a língua com maior número de publicações na comunidade científica.

Foram escolhidas duas bases de dados referenciais para esta pesquisa: *Web of Science* e *Scopus*. A escolha destas duas bases de dados deveu-se à relevância das mesmas; contudo, complementou-se a pesquisa utilizando o *Google Scholar* devido à enorme expansão que este tem vindo a ter nos últimos anos.

Como ponto de partida, foi realizada uma pesquisa simples, utilizando a expressão «Perception Librarians Literature», não sendo preciso acrescentar o operador AND entre as palavras nesta base de dados, que obteve um total de 139 resultados.

Verificou-se um ruído informacional, devido à impossibilidade operacional de ler os títulos e os resumos dos mais de 135 artigos.

Uma vez que o objetivo para esta pesquisa é bastante específico, tornou-se possível diminuir o número de resultados através da utilização de refinamento de pesquisa no *WoS* por artigo e categoria “INFORMATION SCIENCE LIBRARY SCIENCE”, diminuindo assim o ruído informacional e tendo sido obtidos 90 resultados.

Para realizar a pesquisa na *Scopus*, começou-se novamente por uma pesquisa simples na secção denominada *Article title, Abstract, Keywords*, com a Sub-área de *Social Sciences* e com a introdução da sigla «Perception AND Librarians AND Literature»: obteve-se um total de 4.209 resultados.

Contudo, é possível verificar que o número de artigos em acesso aberto é muito menor, pois apenas 480 se encontram em tal situação, condicionando, assim, de forma acentuada, o número de artigos disponíveis para a pesquisa.

Novamente, diminuiu-se o número de resultados através da utilização de refinamento de pesquisa na *Scopus* por artigo e área de assunto “Social Sciences”, diminuindo assim o ruído informacional, tendo sido obtidos 3.317 resultados, em que 366 são de acesso aberto.

Numa segunda pesquisa com a truncatura no termo de pesquisa «Librarian\*», a pesquisa obteve um total de 5880 resultados.

Contudo, é possível verificar que o número de artigos em acesso aberto é muito menor, pois apenas 672 se encontram em tal situação, condicionando, assim, de forma acentuada, o número de artigos disponíveis para a pesquisa.

Procedemos novamente ao refinamento de pesquisa na *Scopus* por artigo e área de assunto “Social Sciences”, diminuindo assim o ruído informacional; e como, nesta

base de dados, há a opção de reorganizar a lista de resultados segundo parâmetros - tais como a data, o número de citações e a relevância, entre outros -, a opção tomada foi a de reorganização daqueles 672 resultados através da seleção da opção *Times Cited*. Em consequência desta opção, foram encontrados, novamente, resultados relevantes para a pesquisa.

Como ponto de partida no *Google Scholar*, foi realizada uma pesquisa simples utilizando a expressão «Perception Librarians Literature», não sendo preciso acrescentar o operador AND entre as palavras nesta base de dados, a qual obteve um total de 617 000 resultados.

Os artigos surgem ordenados consoante a sua relevância; contudo, também é permitido ordená-los por data, selecionar intervalos de tempo específicos e solicitar os artigos escritos numa determinada língua.

A pesquisa no *Google Scholar* vem demonstrar o aumento exponencial do número de artigos disponibilizados, comparados com os resultados obtidos nas três bases pesquisadas; e tendo esta sido, claramente, aquela na qual obtivemos o maior número de resultados.

Observou-se que o *Google Scholar* permite realizar uma pesquisa de um modo simples e rápido; no entanto esta é uma ferramenta demasiado generalista, não devendo ser utilizada em substituição das bases de dados de carácter científico ou académico, mas sim como um complemento à pesquisa, de modo a recuperar informação científica publicada na *web* e que não esteja indexada naquelas bases de dados científicas ou académicas.

Para a construção do quadro de codificação referencial, pesquisou-se a literatura sobre os atributos do BIBLIOTECÁRIO e foi encontrada uma ampla gama de características, por vezes opostas entre si. Assim foi possível identificar características *endógenas* e *exógenas*, ou seja, características inerentes ao próprio indivíduo, físicas e psicológicas, e outras dependentes de o indivíduo pertencer a uma sociedade como bibliotecário, uma vez que a ocupação assumida é a base do processo de tipificação.

Assim, foi desenvolvida uma estrutura de análise de conteúdo com três categorias principais: traços físicos, traços de personalidade e intervenção no ambiente de trabalho, cada uma englobando um subconjunto das referidas características (subcategorias); e durante o processo de categorização, outras características foram adicionadas a fim de recolher todas as informações fornecidas pelas fontes, resultando no seguinte:

## Quadro A - Referencial de categorias relativas ao BIBLIOTECÁRIO

Categorias	Características	Significado das Características	Codificação
Características Físicas	Sexo	Sexo	Masculino; Feminino; Ausente
	Idade	Grupo de Idade	Jovem; Meia Idade; Velho; Ausente
	Etnia	Caucasiano ou Outra Etnia	Caucasiano; Outra Etnia; Ausente
	Altura	Grupo de Altura	Baixo; Médio; Alto; Ausente
	Peso	Grupo de Peso	Magro; Médio; Gordo; Ausente
	Cabelo	<i>Hairstyle</i>	Usa Coque; Sem Coque; Ausente
	Roupa	Classificação da Cor da Roupa	Cores Claras; Cores Neutras; Ausente
	Óculos	Usa óculos ou não	Usa Óculos; Sem Óculos; Ausente
	Estilo	Estilo de Roupa	Formal; Informal; Ausente
	Atratividade	Aparência em Geral	Atraente; Desinteressante; Ausente
Traços de Personalidade	Comunicação	Propensão para comunicar	Extrovertido; Introverso; Ausente
	Interação	Modo de interação	Amigável/Flexível; Frio/Inflexível; Ausente
	Civilidade	Maneira de lidar com os outros	Educado/Justo; Rude/Injusto; Ausente
	Humor	Estado de espírito	Engraçado/Bem-disposto; <i>Moody</i> /Cínico; Ausente
	Temperamento	Personagem	Calmo/Humilde/Paciente; Impaciente; Ausente
	Posição	Modo de ver as situações da vida	Otimista; Pessimista; Neutro; Ausente
	Prazer	Foco no próprio bem-estar	Ascético; Hedonista; Neutro; Ausente
	Satisfação	Nível de aceitação sobre o que alguém possui	Satisfeito; Frustrado; Ausente
	Confiança	Modo de expressar as próprias ideias ou crenças	Confiante/Assertivo; Tímido/Assustado; Ausente
	Sentido	Senso de Responsabilidade	Consciente/Responsável; Irresponsável; Ausente
	Cuidado	Atenção aos outros, coisas e tarefas	Cauteloso; Negligente; Ausente
	Ambição	Desejo de riqueza e prestígio	Ambicioso; Desmotivado; Ausente
Atividade	Modo de envolvimento em diferentes situações da vida cotidiana	Entusiasta; Apático; Ausente	



	Incerteza	Modo de empenhamento em situações com resultado incerto	Tomador de riscos; Averso ao risco; Neutro; Ausente
	Relações	Tipo de relacionamento com outras pessoas	Emocionante; Chato; Neutro; Ausente
	Integridade	Senso de verdade	Honesto; Enganador; Ausente
	Generosidade	Empenhamento no bem-estar dos outros	Ávido; Generoso/Altruísta; Ausente
	Malícia	Modo de interpretação de situações da vida quotidiana	Malicioso; Ingénuo; Neutro; Ausente
	Autocontrolo	Capacidade de controlar emoções	Controlado; Descontrolado; Ausente
	Sentimento	Sensibilidade	Sensível; Insensível; Ausente
	Foco	Capacidade de foco	Alto; Médio; Baixo; Ausente
	Mudança	Reação à mudança	Adverso/Sem interferências; Favorável; Ausente
	Dinheiro	Relação com dinheiro	Económico; Desperdiçador; Neutro; Ausente
	Interesse Próprio	Empenhamento no próprio interesse	Egoísta; Altruísta; Neutro; Ausente
	Bondade	Inclinação natural para o bem	Bom; Mau; Neutro; Ausente
	Rigor	Precisão nas tarefas, agendas e outras situações	Preciso/Rigorouso; Impreciso; Ausente
	Organização	Maneira de fazer tarefas	Organizado/Metódico; Confuso; Ausente
	Criatividade	Capacidade de imaginar e inovar	Criativo; Sem criatividade; Ausente
	Sociabilidade	Gozo da vida social	Sociável; Anti-social/Solitário; Ausente
	Regras	Grau de conformidade com as regras sociais	Conformista; Dissidente; Parcialmente conformista; Ausente
Ambiente de Trabalho	Educação	Nível de educação	Com Ensino Superior; Sem Ensino Superior; Ausente
	Competência	Habilidade para desenvolver tarefas	Competente; Incompetente; Ausente
	Prática	Práticas Bibliotecárias	Com experiência; Inexperiente; Ausente
	Esforço	Empenhamento no trabalho	Dedicado; Desmotivado; Ausente
	Ética	Comportamento ético no trabalho	Ético; Anti-ético; Ausente
	Independência	Permeabilidade à pressão externa	Imparcial; Parcial; Ausente

Habilidades	Habilidade principal apreciada pelos empregadores	Dedicado; Não dedicado; Ausente
Catálogo	Talento para a catalogação	Especializado; Inepto; Ausente
Biblioteca	Relacionamento com tecnologia da biblioteca	Especializado; Inepto; Ausente
Visão Geral	Maneira de ver as situações	Longo prazo; Curto prazo; Ausente
Hierarquia	Posição na estrutura organizacional	Alto; Intermédio; Subordinado; Ausente
Riqueza	Riqueza fornecida pela profissão	Pobre; Classe média; Rico; Ausente
Status Social	Posição Social	Poderoso; Impotente; Ausente
Competitividade	Rivalidade com outros	Altamente Competitivo; Competitivo; Não-competitivo; Ausente
Trabalho em grupo	Predisposição para trabalhar com outras pessoas	Predisposto; Relutante; Neutro; Ausente
Confiança nos outros	Fé na capacidade de trabalho dos outros	Positivo; Cético; Neutro; Ausente
Arquivo Pessoal	Grau de realização pessoal	Satisfeito; Insatisfeito; Neutro; Ausente
Emoções	Efeito no estado emocional	Afeta o trabalho negativamente; Afeta o trabalho positivamente; Não afeta o trabalho; Ausente
Tempo de Absorção	Tempo absorvido pela profissão	Não tem tempo para <i>hobbies</i> ; Tem tempo; Neutro

Realizámos a redução das categorias e subcategorias e indicadores do Quadro A, no seguinte Quadro A1.

Codificámos com: C1, C2... S1, S2... I1, I2... No curso da análise, foi-se nos clarificando a sua natureza e significado, pelo que por vezes alterámos pormenores da sua descrição.

Em alguns casos, podem registar-se antíteses de indicadores numa subcategoria (S social: I – bondade, I malícia)...

**Quadro A1 - Categorias, subcategorias e indicadores relativos ao BIBLIOTECÁRIO**

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Significado dos Indicadores	Variantes
C1 - Físicas	S1 - Genética (2)	Sexo	Sexo	Masculino; Feminino; Ausente
		Etnia	Caucasiano ou Outra Etnia	Caucasiano; Outra Etnia; Ausente
	S2 - Configuração (3)	Idade	Grupo de Idade	Jovem; Meia Idade; Velho; Ausente
		Altura	Grupo de Altura	Baixo; Médio; Alto; Ausente
		Peso	Grupo de Peso	Magro; Médio; Gordo; Ausente
	S3 - Aparência (5)	Cabelo	Hairstyle	Usa Coque; Sem Coque; Ausente
		Roupa	Classificação da Cor da Roupa	Cores Claras; Cores Neutras; Ausente
		Óculos	Usa óculos ou não	Usa Óculos; Sem Óculos; Ausente
		Estilo	Estilo de Roupa	Formal; Informal; Ausente
		Atratividade	Aparência em Geral	Atraente; Desinteressante; Ausente
	C2 - Personalidade	S4 - Ação Profissional (9)	Confiança	Modo de expressar as próprias ideias ou crenças
Sentido			Senso de Responsabilidade	Consciente/Responsável; Irresponsável; Ausente
Atividade			Modo de envolvimento em diferentes situações da vida quotidiana	Entusiasta; Apático; Ausente
Incerteza			Modo de engajamento em situações com resultado incerto	Tomador de riscos; Averso ao risco; Neutro; Ausente
Integridade			Senso de verdade	Honesto; Enganador; Ausente
Autocontrolo			Capacidade de controlar emoções	Controlado; Descontrolado; Ausente
Foco			Capacidade de foco	Alto; Médio; Baixo; Ausente
Rigor			Precisão nas tarefas, agendas e outras situações	Preciso/Rigorous; Impreciso; Ausente
Organização			Maneira de fazer tarefas	Organizado/Metódico; Confuso; Ausente
S5 - Plasticidade (7)		Mudança	Reação à mudança	Adverso/Sem interferências; Favorável; Ausente
	Criatividade	Capacidade de imaginar e inovar	Criativo; Sem criatividade; Ausente	

		Humor	Estado de espírito	Engraçado/Bem-disposto; <i>Moody</i> /Cínico; Ausente	
		Temperamento	Personagem	Calmo/Humilde/Paciente; Impaciente; Ausente	
		Posição	Modo de ver as situações da vida	Otimista; Pessimista; Neutro; Ausente	
		Prazer	Foco no próprio bem-estar	Ascético; Hedonista; Neutro; Ausente	
		Satisfação	Nível de aceitação sobre o que alguém possui	Satisfeito; Frustrado; Ausente	
		Sentimento	Sensibilidade	Sensível; Insensível; Ausente	
	S6 - Status (4)	Posição	Modo de ver as situações da vida	Otimista; Pessimista; Neutro; Ausente	
		Dinheiro	Relação com dinheiro	Económico; Desperdiçador; Neutro; Ausente	
		Ambição	Desejo de riqueza e prestígio	Ambicioso; Desmotivado; Ausente	
		Interesse Próprio	Empenhamento no próprio interesse	Egoísta; Altruísta; Neutro; Ausente	
	S7 - Ética (6)	Cuidado	Atenção aos outros, coisas e tarefas	Cauteloso; Negligente; Ausente	
		Regras	Grau de conformidade com as regras sociais	Conformista; Dissidente; Parcialmente conformista; Ausente	
		Generosidade	Empenhamento no bem-estar dos outros	Ávido; Generoso/Altruísta; Ausente	
		Bondade	Inclinação natural para o bem	Bom; Mau; Neutro; Ausente	
		Malícia	Modo de interpretação de situações da vida quotidiana	Malicioso; Ingénuo; Neutro; Ausente	
		Civilidade	Maneira de lidar com os outros	Educado/Justo; Rude/Injusto; Ausente	
	S8 - Funcionalidade e (4)	Interação	Modo de interação	Amigável/Flexível; Frio/Inflexível; Ausente	
		Sociabilidade	Gozo da vida social	Sociável; Anti-social/Solitário; Ausente	
		Relações	Tipo de relacionamento com outras pessoas	Emocionante; Chato; Neutro; Ausente	
		Comunicação	Propensão para comunicar	Extrovertido; Introvertido; Ausente	
	C3 - Ambiente de Trabalho	S9 - Desempenho Profissional (10)	Catálogo	Talento para a catalogação	Especializado; Inepto; Ausente

	Biblioteconomia	Relacionamento com tecnologia da biblioteca	Especializado; Inepto; Ausente
	Visão Geral	Maneira de ver as situações	Longo prazo; Curto prazo; Ausente
	Educação	Nível de educação	Com Ensino Superior; Sem Ensino Superior; Ausente
	Competência	Habilidade para desenvolver tarefas	Competente; Incompetente; Ausente
	Prática	Práticas Bibliotecárias	Com experiência; Inexperiente; Ausente
	Habilidades	Habilidade principal apreciada pelos empregadores	Dedicação; Ausente
	Tempo de Absorção	Tempo absorvido pela profissão	Não tem tempo para <i>hobbies</i> ; Tem tempo; Neutro
	Esforço	Empenhamento no trabalho	Dedicado; Desmotivado; Ausente
	Trabalho em grupo	Predisposição para trabalhar com outras pessoas	Predisposto; Relutante; Neutro; Ausente
S10 - Posicionamento (4)	Ética	Comportamento ético no trabalho	Ético; Anti-ético; Ausente
	Independência	Permeabilidade à pressão externa	Imparcial; Parcial; Ausente
	Competitividade	Rivalidade com outros	Altamente Competitivo; Competitivo; Não-competitivo; Ausente
	Confiança nos outros	Fé na capacidade de trabalho dos outros	Positivo; Cético; Neutro; Ausente
S11 - Realização (5)	Hierarquia	Posição na estrutura organizacional	Alto; Intermédio; Subordinado; Ausente
	Riqueza	Riqueza fornecida pela profissão	Pobre; Classe média; Rico; Ausente
	Status Social	Posição Social	Poderoso; Impotente; Ausente
	Arquivo Pessoal	Grau de realização pessoal	Satisfeito; Insatisfeito; Neutro; Ausente
	Emoções	Efeito no estado emocional	Afeta o trabalho negativamente; Afeta o trabalho positivamente; Não afeta o trabalho; Ausente

Consideração sobre os vários campos analisados:

-Há um nítido destaque no desempenho profissional, mas as preocupações dominantes do bibliotecário são a aparência, o *status* e o que pode atingir e realizar com o trabalho, para o seu posicionamento social. É também acentuada, a preocupação com aspetos de funcionamento da profissão.

Seguidamente, o quadro de análise A1 foi aplicado à categorização de Alice e Peggy - as bibliotecárias-personagens das obras de Jane e Elizabeth, respetivamente -, no Quadro B.

Adotou-se a seguinte Convenção nas anotações, exclusivamente em caso de divergências:

P – Peggy; a bibliotecária no Texto de Elizabeth

A – Alice; a bibliotecária no Texto de Jane

Para comprovarmos a correspondência do Quadro referencial às categorias realmente presentes nas descrições das duas autoras, realizámos uma análise de conteúdo dos seus textos com enfoques na caracterização do bibliotecário e do seu ambiente de trabalho – biblioteca; dada a sua extensão, documentamos apenas o processo prosseguido, numa AMOSTRA em ANEXO, sobre excertos dos textos de cada autora.

Na análise de conteúdo da amostra:

Escolhemos para *unidade de contexto*, os conjuntos de texto que considerámos incluírem as representações mais completas de cada autora, permitindo-nos chegar a um maior número de categorias; a *unidade de significação* é a frase; e as *unidades de registo* são divididas por segmentos de reta e numeradas para o estudo dos *indicadores*. Daqui, portanto, extraímos as categorias, subcategorias e indicadores codificáveis.

### **Quadro B - Categorização/divergências de Alice e Peggy, bibliotecárias-personagens das obras analisadas**

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Significado dos Indicadores	Variante por Autora
C1 - Físicas	S1 - Genética (2)	Sexo	Sexo	Feminino
		Etnia	Caucasiano ou Outra Etnia	Caucasiano
		Idade	Grupo de Idade	Jovem

	S2 - Configuração (3)	- Altura	Grupo de Altura	A - Alta; P - Baixa
		Peso	Grupo de Peso	Magro
	S3 - Aparência (5)	- Cabelo	<i>Hairstyle</i>	Sem Coque
		Roupa	Classificação da Cor da Roupa	Cores Neutras
		Óculos	Usa óculos ou não	Sem Óculos
Estilo	Estilo de Roupa	Formal		
Atratividade	Aparência em Geral	Desinteressante		
C2 - Personalidade	S4 - Acção Profissional (9)	Confiança	Modo de expressar as próprias ideias ou crenças	Tímido/Assustado
		Sentido	Senso de Responsabilidade	Consciente/Responsá vel
		Atividade	Modo de envolvimento em diferentes situações da vida quotidiana	A - Neutro; P - Apático
		Incerteza	Modo de empenhamento em situações com resultado incerto	Averso ao risco
		Integridade	Senso de verdade	Honesto
		Autocontrolo	Capacidade de controlar emoções	Controlado
		Foco	Capacidade de foco	Alto
		Rigor	Precisão nas tarefas, agendas e outras situações	Preciso/rigoroso
	Organização	Maneira de fazer tarefas	Organizado/Metódico	
	S5 - Plasticidade (7)	- Mudança	Reação à mudança	Adverso/Sem interferências
		Criatividade	Capacidade de imaginar e inovar	Sem criatividade
Humor		Estado de espírito	<i>Moody/Cínico</i>	

	Temperamento	Personagem	Calmo/humilde/paciente
	Posição	Modo de ver as situações da vida	Pessimista
	Prazer	Foco no próprio bem-estar	Ascético
	Satisfação	Nível de aceitação sobre o que alguém possui	Frustrado
	Sentimento	Sensibilidade	A - Sensível; P - Insensível
S6 - Status (4)	Posição	Modo de ver as situações da vida	Pessimista
	Dinheiro	Relação com dinheiro	Económico
	Ambição	Desejo de riqueza e prestígio	Desmotivado
	Interesse Próprio	Empenhamento no próprio interesse	Altruísta
S7 - Ética (6)	Cuidado	Atenção aos outros, coisas e tarefas	Cauteloso
	Regras	Grau de conformidade com as regras sociais	Conformista
	Generosidade	Empenhamento no bem-estar dos outros	Generoso/altruísta
	Bondade	Inclinação natural para o bem	Bom
	Malícia	Modo de interpretação de situações da vida quotidiana	A - Ingénuo; P - Neutro
	Civilidade	Maneira de lidar com os outros	Educado/justo
S8 - Funcionalidade (4)	Interação	Modo de interação	A - Amigável/Flexível; P - Frio/Inflexível



C3 - Ambiente de Trabalho	S9 - Desempenho Profissional (10)	Sociabilidade	Gozo da vida social	A - Sociável; P - Anti-social/Solitário
		Relações	Tipo de relacionamento com outras pessoas	Chato
		Comunicação	Propensão para comunicar	Introvertido
		Catálogo	Talento para a catalogação	Especializado
		Biblioteconomia	Relacionamento com tecnologia da biblioteca	Especializado
		Visão Geral	Maneira de ver as situações	Longo prazo
		Educação	Nível de educação	Ensino Superior
		Competência	Habilidade para desenvolver tarefas	Competente
		Prática	Práticas Bibliotecárias	Com experiência
		Habilidades	Habilidade principal apreciada pelos empregadores	Dedicado
	Tempo de Absorção	Tempo absorvido pela profissão	Tem tempo	
	Esforço	Empenhamento no trabalho	Dedicado	
	Trabalho em grupo	Predisposição para trabalhar com outras pessoas	A - Predisposto; P - Relutante	
	S10 - Posicionamento (4)	Ética	Comportamento ético no trabalho	Ético
		Independência	Permeabilidade à pressão externa	P - Imparcial; A - Parcial
		Competitividade	Rivalidade com outros	Não-competitivo

		Confiança nos outros	Fé na capacidade de trabalho dos outros	Cético
S11	-	Hierarquia	Posição na estrutura organizacional	Subordinado
Realização (5)		Riqueza	Riqueza fornecida pela profissão	Classe média
		Status Social	Posição Social	Impotente
		Arquivo Pessoal	Grau de realização pessoal	P - Satisfeito; A - Insatisfeito
		Emoções	Efeito no estado emocional	Não afeta o trabalho

Consideração sobre os vários campos analisados em paralelo:

Em síntese, as características que variam entre os dois tipos de Bibliotecária, são:

Na Categoria 1 e subcategoria 2: A Peggy é baixa, enquanto que Alice é alta.

Na Categoria 2 e subcategoria 4, o modo de envolvimento e interação com os outros é neutro em Alice e apático na Peggy. Subcategoria 5, Alice é considerada mais sensível enquanto que a Peggy não. Na subcategoria 7, Alice é mais ingénua e Peggy é mais insensível. Finalmente na subcategoria 8, Alice continuando com os mesmos pressupostos é amigável/flexível e sociável, enquanto que Peggy é fria/inflexível e antissocial. O que se pode concluir que na relação com os outros as duas personagens têm maneiras diferentes de lidar com estas e as situações. Sendo a Peggy geralmente mais desconfiada, séria e anti-social, enquanto que Alice é mais aberta ao contacto com os outros e é mais ingénua e sociável em relação aos outros.

Na Categoria 3 e subcategoria 9, Alice está mais predisposta a trabalhar em grupo e a Peggy prefere trabalhar sozinha. Na subcategoria 10, a Peggy é mais imparcial do que a Alice. E por fim, na subcategoria 11, a Peggy sente-se satisfeita com o seu trabalho e gosta de ser bibliotecária, enquanto que Alice não escolheu a profissão por gosto, mas levada pelas circunstâncias da vida, e por isso, sonha em mudar o rumo da sua vida.

E emergem as características de tipo comum, evidenciadas nos Textos das Autoras - que apontam a um perfil dominante no contexto inicial da profissão, mas que a pequena dimensão da amostra não permite generalizar.

Mostramos ainda o Quadro C, das categorias verificadas no Quadro B1 e da sua redução, na tentativa de chegar às dimensões e ao perfil do bibliotecário/caracterização do contexto-biblioteca, respondendo aos nossos objetivos.

**Quadro C - Perfil e Dimensões (Sub-Categorias Analisadas)  
do BIBLIOTECÁRIO**

	Perfil	Dimensões (Sub-categorias)
Fatores Internos	História da Ocupação Profissional	S4 - Ação Profissional
	Natureza do Trabalho (mecânico vs especializado)	S9 - Desempenho Profissional
	Comportamento dos Bibliotecários (foco no interesse público vs no cliente; pró-social vs não-social)	S4 - Ação Profissional; S7 - Ética; S8 - Funcionalidade; S10 - Posicionamento
	Domínio da Área de Conhecimento Especializado	S9 - Desempenho Profissional
	Capital Simbólico (serviço à sociedade)	S4 - Ação Profissional
	Relacionamento em grupo (coesão)	S8 - Funcionalidade
	Fatores Físicos Estruturantes	S1 - Genética; S2 - Configuração; S3 - Aparência
Fatores Externos	Cultura e Valores Sociais	S3 - Aparência; S4 - Ação Profissional; S7 - Ética
	Posição Social na Estrutura social	S6 - Status; S10 - Posicionamento; S11 - Realização
	Regulação Profissional (fechamento social vs liberalismo)	S5 - Plasticidade; S7 - Ética
	Relacionamentos fora do grupo (competitivos vs cooperativos)	S5 - Plasticidade
	Cultura de Biblioteconomia da comunidade	S9 - Desempenho Profissional
	Visibilidade dos Bibliotecários	S11 - Realização

Com base na taxionomia resultante de toda esta análise, desenvolvemos os retratos dos bibliotecários e da biblioteconomia, do próximo capítulo, em quatro perspectivas: (1) a mulher discreta; (2) a catalogadora e categorizadora; (3) a funcionária pública; e (4) a prudente e confiável.

Concluindo esta análise, importa considerar a sua *validade e fiabilidade*.

Segundo Silva (Silva & Fossá, 2015), a *validade* da investigação consiste na verificação de que são cumpridos os objetivos propostos. No presente caso, é verificável que a aplicação dos processos metodológicos e interpretação permitem o conhecimento da caracterização do bibliotecário no contexto inicial da profissão, e da biblioteca, como se pretendia.

Quanto à *fiabilidade* - pela qual, se uma investigação for replicada por outrem, este obterá resultados idênticos -, neste caso, procurámos documentar todos os passos até à obtenção dos resultados.

Finalmente, tendo optado pelo registo final de REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, incluindo apenas os documentos mencionados no Texto, referimos que, para tal, utilizámos o Software *Zotero*:

*Zotero* é uma ferramenta que gere as citações de referência que pode detetar quando os utilizadores estão a visualizar um livro, artigo ou outro objeto na *web*; capturar automaticamente as informações de citação; registá-las nos campos corretos.

Dependendo do tipo de recurso, pode incluir, mas não se lhes limita: título, autores, nome do periódico, ano de publicação, volume e página, bem como um *hyperlink* para a fonte.

O recurso de anotações do *Zotero* é muito prático. Os utilizadores podem inserir pequenas notas numa referência específica, simplesmente escrevendo no campo de entrada. Essas notas são guardadas automaticamente e organizadas em conjunto com as informações da citação. Além disso, o *Zotero* é integrado ao *Microsoft Word* e outros processadores de texto e funciona em todos os formatos de computador (*PC*, *Mac* e *Linux*). Recursos como exportação de citações formatadas tornam muito simples para os utilizadores criar uma lista de referências no formato perfeito desejado para um ensaio ou outro uso. Os usuários podem criar uma lista de referências arrastando e soltando as citações numa nova pasta ou destacar as citações desejadas. Depois de feita a lista, um clique com o botão direito do rato permite a criação de uma palavra ou arquivo de texto no formato desejado. Os formatos de bibliografia atualmente disponíveis incluem *American Psychological Association*, *Modern Language Association*, *American Psychological Association*, três variedades de estilos do *Chicago Manual of Style* e uma infinidade de idiomas.

Depois de o material ser recolhido pelo *Zotero*, pesquisar e organizar arquivos é muito fácil. Os arquivos são organizados num formato semelhante a uma lista de reprodução e podem ser pesquisados muito rapidamente. Os muitos recursos de pesquisa avançada incluem ferramentas de mineração (enumeração?) de dados e a capacidade de salvar pesquisas (coleções inteligentes) e *tags*. Além disso, a biblioteca pessoal de material do investigador pode ser acedida remotamente de qualquer lugar, pela Internet; e cópias de *backup* da sua biblioteca podem ser feitas em locais remotos, podendo compartilhar coleções com outros usuários.

## 7. Retrato do Bibliotecário por Jane Smiley e Elizabeth McCracken: Análise das Obras

---

*Duplicate Keys*, de Jane Smiley, e *The Giant's House*, de Elizabeth McCracken, podem ser vistos como valiosos na captura de uma perspectiva do bibliotecário no campo da cultura popular e no domínio do cotidiano. Estas fontes foram selecionadas para sustentar a nossa investigação, dado que nelas os bibliotecários assumem papéis fundamentais, podendo oferecer uma perspectiva da imagem destes.

O romance da ex-bibliotecária McCracken recebeu grande atenção da crítica em 1996. A personagem-narradora, bibliotecária de referência e diretora de uma biblioteca pública, Peggy Cort, é uma jovem adepta da sua profissão, na qual as relações com o público são superficiais, estilizadas e temporárias, mas cuja interação com ele, na sua vida pessoal, é fria, distante e infrequente. “I was the perfect public servant, deferential, dogged, oblivious to insults. Friendly but not overly familiar”; autodescreve-se como “a sad person... a fundamentally unlovable person.” (McCracken, 1996, p. 97)

Peggy conhece James Sweatt em 1950, quando ele está à beira da adolescência: é um gigante, já mais alto que a maioria dos homens e crescendo rapidamente; apesar do seu problema físico, é um rapaz intelectualmente curioso e sociável e, ele e Peggy, rapidamente estabelecem uma amizade, que se fortalece com o tempo. Especialmente depois da morte da sua mãe, Peggy passa a ter um grande interesse no bem-estar do “the tallest man in the world”. A certa altura, ela decide, com efeito, que por causa de James, o amor não está além da sua experiência: ele pode ser “a love that would occupy all my time”. Peggy sabe que o condicionalismo de James o condena a uma vida curta e faz por ele tudo quanto pode. “I loved him because I wanted to save him, and because I could not. I loved him because I wanted to be enough for him, and I was not”. O seu relacionamento estende-se por uma década. Após a morte de James, Peggy descobre que recebeu - por acaso, pela Providência ou pelo destino - uma segunda chance de mantê-lo na sua vida, transformando a sua casa numa espécie de museu.

*Duplicate Keys*, de Jane Smiley, é um bom mistério (permanece um intrigante – penetrante, desafiante - enigma) literário escrito por uma autora vencedora do Prémio Pulitzer. Alice Ellis, de 31 anos, divorciada, é catalogadora da Biblioteca Pública de Nova York. Um dia, descobre dois dos seus amigos, músicos de rock, assassinados no apartamento da sua amiga Susan. Os efeitos do assassinato no círculo de amigos, que

inclui Alice e Susan, são tanto o assunto do livro quanto a revelação e a descoberta do assassino.

Um ato de violência invasiva volta o enredo e o centro da consciência do romance para a interioridade e obriga a personagem a analisar as pessoas e os eventos (embora nem sempre da forma mais preceptiva): a chegada à consciência atenta de um *eu* intelectualmente capaz, mas previamente ignorante, através de uma experiência traumática.

Os sítios de trabalho, que normalmente associamos aos bibliotecários, são as bibliotecas públicas, exatamente o local de trabalho das nossas duas protagonistas: dois edifícios do Estado, que servirão aquela comunidade enquanto esta necessitar delas. A descrição da Biblioteca Pública por Alice é de segurança e, mesmo no momento daquela ocorrência mais turbulenta: “She always felt secure in the library, secure within the walls” (Smiley, 1984, p. 312), a sua “mighty fortress”; enquanto que Peggy, na sua visão mais cínica da vida, assim a considera:

I loved that building when I first met it; I suppose I continued to love it the way a woman will love a husband who sticks around while she silently prays he will leave or die. Indeed, until 1950 the library occupied much of my heart and mind. When we were apart, I wondered what wrongheaded thing it would insist upon doing in my absence (bursting a pipe, inviting birds through broken windows); when we were together, I cursed it and made apologies for its behavior to visitors. (McCracken, 1996, p. 43)

Excluindo características, cujos dados não permitem comparação, os retratos de Alice e Peggy são semelhantes (ver Quadro B), facto que sugere que ambas as autoras tinham protótipos semelhantes em mente.

As principais características das bibliotecárias de Jane e Elizabeth poderão ser classificadas, apresentadas e discutidas dentro de quatro perspetivas: (1) a mulher discreta; (2) a catalogadora e categorizadora; (3) a funcionária pública; e (4) a prudente e confiável. Essas perspetivas representam as dimensões resultantes da análise de conteúdo das duas obras (ver Quadro C).

## A Mulher Discreta

Peggy refere-se a si mesma como “spinster”, termo denigrativo para uma solteira com mais de 30 anos. Apresentando ao público uma mulher jovem, mas que se considera desinteressante: “Around four o’clock I got up, took a shower, got dressed in my old gummy clothes.” (McCracken: 408).

Smiley foi mais recatada na sua ilustração física. Mas se a sua personagem pode não ser vista como uma *spinster*, no entanto o facto de estar divorciada, e mais algumas características de género e estilo, condizem com o retrato de Elizabeth. Alice olha-se no espelho criticamente e reconhece a sua imagem refinada:

Her hands were good, big, long fingered, graceful. But why had she worn a white blouse, and, she looked down, green slacks? She stared steadily into her reflection and dared to be honest. Yes, she looked neat and thin. And pinched, prim, without chic, entirely thirty-one and absolutely a librarian. She sighed. (Smiley, 1984, p. 106)

A aparência perfeitamente cuidada de Alice faz com que ela projete uma imagem de organizada e virtualmente acima de suspeita na investigação em curso do assassinato em torno dos seus amigos. Apesar de ser parte do grupo, o papel de Alice parece sempre ter sido o de uma observadora curiosa e fascinada, mas essencialmente passiva e acrítica das ações às vezes erráticas, dos seus amigos, um papel que parece sempre tê-la satisfeito. O seu papel no casamento era aparentemente o de a esposa paciente, solidária e ao mesmo tempo dependente; agora que essa relação terminou, ela encontra-se mais uma vez, e por uma espécie de padrão, no papel ambivalente de membro da comunidade e observador externo.

Assim, ambas as autoras retratam o bibliotecário como uma mulher, com um estilo *prim and proper*, vestindo roupas discretas, embora nenhuma das personagens usasse óculos ou o coque que é o estereótipo do rato de biblioteca (Baxter, 2014, p. 24). Estes resultados são congruentes com o atual estereótipo do bibliotecário na literatura internacional, do qual o género feminino ainda é o mais destacado, sendo os estereótipos caracterizados predominantemente como mulheres caucasianas e femininas (Pagowsky & Rigby, 2014).

## A Classificadora e Categorizadora

O trabalho do bibliotecário inclui a promoção de “bons” livros para clientes. Materiais como romances e livros de viagens são aceitáveis em bibliotecas, mas apenas como iscos. Depois de 1945, a ênfase na diferenciação entre o melhor e o pior material de leitura desaparece, e os bibliotecários ajudam os utilizadores a encontrar o que desejam (Yontz, 2003: 89).

A experiência de McCracken como bibliotecária vem à tona em muitas passagens astutas sobre o trabalho, especialmente uma sobre o trabalho de referência:

A good librarian is not so different from a prospector, her whole brain a divining rod. She walks to books and stands and wonders: here? Is the answer here? The same blind faith in finding, even when hopeless. If someone caught me when I was in the throes of tracking something elusive, I would have told them: but it's out there. I can feel it. God wants me to find it. (McCracken, 2013: 89)

Alice tornou-se bibliotecária para apoiar o seu ex-marido, um poeta promissor. “On her own”, no entanto, “she would never have become a librarian, never in a million years.” Apesar dessa afirmação, Alice encontra alívio da intensidade emocional no seu trabalho, após os assassinatos. A sua catalogação era “rather peaceful, impersonal work that gave her a spurious sense of distance” do assassinato.

Nevertheless, when she got inside she was not disappointed that the day's assignment, to bring the card catalogue in line with losses in preparation for the programming of all materials that was to begin over the summer.

(Smiley, 2004: 179)

## A Funcionária Pública

As tarefas de trabalho dos bibliotecários, mantiveram consistência ao longo das décadas do século XX. A maioria das tarefas identificadas é repetida em vários livros e em cada uma das décadas de '80 e '90, representadas na nossa investigação. Referência, aconselhamento ao leitor, hora de histórias para crianças, circulação, seleção, aquisição,



catalogação, processamento, relações públicas, divulgação, gestão, montagem de exposições e programação são áreas de trabalho que foram descritas em cada década examinada e que são familiares aos bibliotecários que trabalham hoje. Até as atividades triviais de tirar o pó e arrumar cadeiras e a tarefa desigualmente apreciada de comparecer a reuniões, aparecem na vida dos bibliotecários na literatura e nas duas Autoras.

Os bibliotecários são membros da comunidade prestativos, atenciosos e orientados para o serviço, que têm encontros de apoio e relacionamentos positivos com os utilizadores da biblioteca. Mas uma mudança no papel dos bibliotecários como intermediários dos leitores, ao longo daquelas décadas, é evidente - Peggy Cort é o exemplo perfeito:

Despite my clumsiness with the outside world, I was the perfect public servant: deferential, dogged, oblivious to insults. Friendly but not overly familiar. It was one of the reasons I loved being a librarian: I got to conduct dozens of relationships simultaneously and successfully. I conformed myself always to the needs of the patrons (they certainly did not care about mine), told them they were right, called them Mr. and Mrs. and Miss when they did not bother to learn my smallest initial. Do you wonder why we're called public servants? (McCracken, 2013: 97)

Enquanto que Alice odiava as suas respostas às situações e pessoas, sempre maravilhada e respeitosa, no fundo era tão democrática nos seus relacionamentos com os outros que ocasionalmente via isso como uma falha. Alice odiava as suas respostas às coisas: parecia que “[as] soon as anyone spoke, she saw his point of view, and it was hard for her to rate points of view or to decide between them” (Smiley, 2004: 123). Alice foi capaz de tirar o máximo proveito dessa qualidade como bibliotecária (e no final, como uma espécie de detetive amadora) porque isso a forçou a reunir informações de todos os lados e a trabalhar com muito empenho para descobrir o que era autêntico. Uma vez que conseguiu fazer a distinção entre verdade e mentira, ela inevitavelmente encontrou a resposta de que estava à procura.

## A Prudente e Confiável

A característica que a sociedade provavelmente associa com mais frequência aos bibliotecários é a organização. A biblioteca está repleta de sistemas, códigos e organização precisa e o bibliotecário é visto como o desbravador desse território.

Peggy descreve-se: “Some women become librarians because they love order; I’m one. Ordinal, cardinal, alphabetical, alphanumeric, geographical, by subject, by color, by shape, by size.” (McCracken, 2013: 13) e:

As a librarian, I longed to be acknowledged, even to be taken for granted. I sat at the desk, brimming with book reviews, information, warnings, all my good schooling, advice. I wanted people to constantly callously approach. But there were days nobody talked to me at all, they just walked to the shelves and grabbed a book and checked out, said, at most, thank you, and sometimes only you’re welcome when I thanked them first. I had gone to school to learn how to help them, but they believed I was simply a clerk who stamped the books. (McCracken, 2013: 20)

Consequentemente, os bibliotecários são quase sempre descritos como pessoas muito deliberadas e prudentes. Alice reconhece que ela sempre tentou ser perfeita e segura na sua vida, e em um ponto ela expressa o seu desejo de afastar essa imagem:

Like I said, I’m tired of living in that pale librarianly way. I have no debts, I eat plenty of fruit, I come home every night and read. A big day for me is seeing old leftist movies at the Bleecker Street Cinema. I’ve never dissipated anything, even a free afternoon. This is New York: It’s time I did something that was costly. I’m tired of going to all the cheap things and counting every nickel, you know? Yes, you have to be careful in order to live by yourself in Manhattan on seventeen thousand a year, but I’ve been careful careful careful. Nobody else has. Now I’m not going to be careful for a while. (Smiley, 2004: 212)

E “Whatever the police did or Ray’s friends did, the library would go on, employing her to catalogue and do reference.” (Smiley, 2004: 91).

O estilo de vida cauteloso de Alice fá-la sentir-se uma pessoa enfadonha, mas outros vêem isso como uma vantagem. Os amigos confiam em Alice porque ela é uma

força estável em que sempre se pode confiar. No fim, essa qualidade permite-lhe aceder a informações, que ajudam a solucionar o crime.

Uma futura investigação poderá inquirir se algumas destas dimensões são constantes, ou se emergem outros perfis, no bibliotecário contemporâneo.

## Conclusão

---

Esta dissertação examinou a percepção social dos bibliotecários, através da literatura Norte-Americana do Século XX, que fornece um determinado cenário social, económico, político e cultural relevante para a compreensão do papel dos bibliotecários e da biblioteconomia.

Identificar as dimensões preceptivas da imagem social dos bibliotecários, os fatores que contribuíram para a construção dessa imagem e as implicações para o bibliotecário e a biblioteconomia decorrentes do conteúdo e da estrutura dessa imagem, são os objetivos gerais enunciados para esta investigação.

Nesse sentido, esta pesquisa é empiricamente sustentada por duas fontes distintas de dados: duas obras literárias, ambientadas e publicadas pela primeira vez no fim do século XX; e por meio de uma análise de conteúdo qualitativa das fontes históricas. Aspectos contextuais e literatura da área da biblioteconomia, psicologia e sociologia apoiaram a discussão e a interpretação dos resultados, permitindo a identificação de implicações para o bibliotecário e a biblioteconomia.

O resultado deste estudo fornece *insights* que permitem a identificação das dimensões preceptivas na imagem social dos bibliotecários. A imagem profissional e a autoimagem dos bibliotecários são influenciadas por representações na mídia e imagens no imaginário do público em geral. Em primeiro lugar, delinea-se o desenvolvimento histórico da ideia de um papel profissional, para indicar o pano de fundo da situação contemporânea das obras analisadas.

O papel profissional é examinado inteiramente pelas lentes da biblioteca pública, pois são os profissionais desse setor que formam a imagem popular do bibliotecário para a maioria das pessoas. Isso não tem a intenção de ser exclusivo e muitas das questões discutidas podem ser aplicadas em vários tipos de biblioteca. No entanto, a imagem do bibliotecário público é considerada fundamental, pois é a biblioteca pública que é mais amplamente acessível para a população em geral.

Quatro dimensões principais são destacadas na imagem social do bibliotecário, cada uma podendo ser sintetizada em designações mais gerais quando um nível mais amplo de abstração é realizado. A *mulher discreta* equivale à “aparência” e “emoção”, sendo o estilo formal negligenciado; e completamente anónimos e totalmente inesquecíveis, são os traços mais destacados do estereótipo revelado. A *classificadora* e *catalogadora*, gerente, representa “competência”- na qual a imagem apresentada por

esta investigação é composta de habilidades valiosas em relação a tarefas específicas de biblioteconomia. A funcionária pública corresponde ao “status social” em que a baixa-média burguesia é a camada social mais alta no retrato das bibliotecárias, condicionada pela reconhecida riqueza e poder social de sua ocupação. *A prudente e confiável*, pouco aventureira, destaca a “competência”. A este respeito, os bibliotecários surgem absolutamente focados, exigentes, independentes e ambiciosos.

Fatores internos e externos ao grupo profissional dos bibliotecários contribuem para a construção da sua imagem social. Os fatores internos são: a história da ocupação profissional; a natureza do trabalho (mecânico vs especializado); o comportamento dos bibliotecários (foco no interesse público vs no cliente; pró-social vs não-social); domínio de uma área de conhecimento especializado; capital simbólico (serviço à sociedade); e relacionamento em grupo (coesão); e os fatores físicos estruturantes. Os fatores externos destacados são: cultura e valores sociais; posição social na estrutura social; regulação profissional (fechamento social vs liberalismo); relacionamentos fora do grupo (competitivos vs cooperativos); cultura de biblioteconomia da comunidade; e a visibilidade dos bibliotecários (como aparecem nos diferentes meios de comunicação).

Uma observação aprofundada desses fatores permite estabelecer um vínculo entre alguns deles e algumas das dimensões preceptivas destacadas na imagem social dos bibliotecários. Nesse sentido, a dimensão identificada de “status” pode ser vista como equivalente à posição social na estrutura. A dimensão de “competência” pode estar associada ao domínio de uma área de conhecimento especializado, enquanto a “aparência” pode estar ligada à visibilidade dos bibliotecários. Por fim, o comportamento/desempenho dos bibliotecários pode ser relacionado com as dimensões de moralidade e sociabilidade. Portanto, esses vínculos sugerem que diferentes estatutos devem ser atribuídos às dimensões do estereótipo do bibliotecário, dada a contribuição de alguns deles para a construção da imagem social do bibliotecário: alguns são estruturais e outros são apenas parte do conteúdo do estereótipo resultante de uma estrutura subjacente.

Existe uma grande quantidade de estereótipos de bibliotecários. Nem todas as imagens que estão a ser estereotipadas são necessariamente más.

Os bibliotecários são frequentemente retratados como mulheres. Enquanto os homens estão a entrar no campo em número crescente, verifica-se que este campo é dominado atualmente por mulheres.

No momento, a etnia caucasiana predomina globalmente e também é a etnia dominante no campo das bibliotecas, embora a *American Library Association* (ALA) esteja a trabalhar ativamente para diversificar esse campo através do seu Programa de Bolsas de Estudo *Spectrum*.

Este ensaio reviu a literatura que fornece bases teóricas gerais relevantes para o estudo da perceção social. Destacou-se a falta de consenso entre os académicos no que diz respeito à definição do conceito de *profissão*, facto que não tem impedido a sua aplicação a muitas profissões incluindo o caso da biblioteconomia. Diferentes conceitos podem ser extraídos da literatura, sendo o reconhecimento social de uma ocupação, um aspeto-chave em todas elas. Esse reconhecimento social fornece o significado social de uma profissão, mas nem todos os projetos profissionais têm a mesma avaliação social (Abbott, 1981). Na verdade, em certos casos, o *status* de uma profissão pode não resultar de uma ampla reivindicação social. Em vez disso, pode ter suas raízes em uma organização ocupacional e arranjos de poder (Klegon, 1978). No processo de profissionalização da biblioteconomia, por exemplo, essa realidade tem-se mostrado materializada pela usualmente destacada luta pelo reconhecimento legal, assumida pelos órgãos ocupacionais (Winter, 1983:3).

Assim, os projetos profissionais podem não estar perfeitamente alinhados com a cultura e os valores sociais de uma sociedade geralmente marcada por legados históricos (por exemplo, Goode, 1969). Diferentes forças podem coexistir em uma sociedade que condicionam a perceção pública de uma profissão e seus actores; e é importante “reconhecer que os recursos que contribuem para uma profissionalização bem-sucedida derivam de ligações com a estrutura social mais ampla” (Klegon, 1978, pp. 272- 273). A perceção social sobre grupos profissionais gera crenças generalizadas materializadas em estereótipos, que alimentam hierarquias sociais ao longo das quais diferentes grupos sociais estão posicionados (Jussim et al., 2009).

A imagem social dos bibliotecários tem sido amplamente estudada. O corpo desta pesquisa analisou principalmente como os bibliotecários são percebidos ou retratados e também dedicou atenção à identificação de fatores ligados a essas perceções. No entanto, pouco foi feito para testar essas influências e investigar as raízes dos estereótipos. Existem fatores internos e externos relativos ao grupo profissional de biblioteconomia que interagem e se influenciam e cuja interação contribui para a formação dos seus estereótipos. Ou seja, o próprio grupo profissional é marcado por aspetos e comportamentos intrínsecos que fornecem subsídios para os demais aspetos

de natureza contextual e comportamental de, e para, os bibliotecários. Este último conjunto externo de aspetos também impacta o primeiro, o seu status quo, contribuindo para uma dada imagem social existente em um determinado tempo e lugar.

Os estereótipos dos bibliotecários foram analisados sob diferentes perspetivas e métodos, recorrendo a diferentes fontes de perceção. Pode oferecer uma visão do conhecimento compartilhado sobre bibliotecários, disseminada por uma determinada sociedade moldada pela sua cultura. Os contextos sociais fora do cenário anglo-americano também podem fornecer perceções úteis, quando o foco é um fenómeno cultural como os estereótipos. Diferentes contextos sociais posicionam os bibliotecários de forma diferenciada na estrutura social e contribuirão para um melhor entendimento do papel da biblioteconomia na sociedade.

Recordando Manuel Damásio:

A atenção serve para gerir o fluir de imagens, na nossa mente. O processo depende a) das características físicas, das imagens (cores, sons, formas, relações); e b) do significado pessoal e histórico das imagens, o que depende da memória. As respostas emotivas e cognitivas que daqui resultam, governam a duração e a escala das imagens que são escolhidas e incorporadas no fluir mental: Realizam a montagem do nosso filme mental. (Damásio, 2020, p. 227)

Se da memória depende o significado histórico das imagens, rever a história da biblioteconomia e os estereótipos do bibliotecário ajudar-nos-á a aprofundar a sua imagem: das bibliotecas que se inserem totalmente nos climas culturais atuais. Quando abordamos os estereótipos da biblioteca pelo seu valor nominal, sem levar em conta as realidades sociais mais amplas que não apenas os tornam possíveis, mas também reforçam a sua potência, colocamo-nos numa situação quixotesca. É quando estereótipos novos (podendo ser tão prejudiciais quanto os anteriores) são inventados, às vezes pelos próprios bibliotecários, para suplantar os antigos.

Porque as maiores desigualdades estruturais, como sexismo, racismo e classismo estão em ação na criação e perpetuação de narrativas populares sobre bibliotecários, melhorar o bem-estar psicológico de bibliotecários individuais não é a solução para o problema dos estereótipos bibliotecários. É importante reconhecer que a ameaça do estereótipo está em ação dentro da biblioteconomia por causa da realidade racial, de classe e de género da vida-em-contexto de cada bibliotecário.

A maneira mais eficaz de combater os efeitos negativos dos estereótipos do bibliotecário é trabalhar diligentemente em prol da justiça social para os grupos

marginalizados. Além disso, a criação de imagens alternativas para suplantar estereótipos questionáveis de facto piora a situação. No final das contas, a percepção pública mudará, mas se quisermos ter alguma influência sobre ela.

A presente investigação abrangeu um número reduzido de fontes, facto que se reconhece como uma limitação, que deve estimular novos estudos a partir de outras literaturas, como jornais e revistas, evitando-se uma generalização prematura. Portanto, espera-se que novas vias de investigação se concentrem em outros espaços, períodos e fontes, fornecendo material de pesquisa para uma compreensão mais ampla da influência cultural e a percepção social do bibliotecário, importante para a monitorização do papel deste na sociedade.

Comprovámos a importância da análise da literatura para a investigação, como modo de conhecer através de registos que foram sentidos, como por exemplo, os relatos das personagens e as suas perspetivas:

(...) I loved that building when I first met it; I suppose I continued to love it the way a woman will love a husband who sticks around while she silently prays he will leave or die. Indeed, until 1950 the library occupied much of my heart and mind. (...) (McCracken, 1996, p. 43)

Poder-se-á verificar por esta investigação, que sentir conduz à consciência, como disse Manuel Damásio:

(...) o poder dos sentimentos advém do facto de eles estarem presentes na [mente consciente]. Tecnicamente falando, sentimos porque a mente é consciente, e somos conscientes porque os sentimentos existem! Não estou a fazer um jogo de palavras, limito-me a expor a realidade dos factos por muito que pareçam paradoxais. Os sentimentos foram, e são ainda, o início de uma aventura chamada [consciência]. (Damásio, 2020, p. 158)

A partir daqui, também se poderá tentar responder à nossa Questão inicial - P2: Quais serão as implicações das dimensões (encontradas no Quadro C) para este grupo profissional dos bibliotecários?

Poderá ser expectável que o conhecimento partilhado nesta dissertação sobre a profissão de Biblioteconomia e a Biblioteca constitua um referencial para autocrítica e biblioteconomia, contribuindo para que tanto profissionais deste âmbito como investigadores aprofundem o seu sentir, melhorando hábitos e a sua dedicação a esta profissão.



Existem muitos caminhos frutíferos para o estudo da história cultural da biblioteconomia usando, a literatura como material de base. Um número maior de estudos mais extensos, com maior número de títulos, deve ser feito para verificar ou questionar as conclusões alcançadas nos projetos sobre essa temática até ao presente. A pesquisa bibliográfica deve ser feita para que os estudiosos possam aceder facilmente aos títulos necessários para um estudo abrangente. A literatura pode ser estudada para evidenciar atitudes em relação às bibliotecas, bem como para os bibliotecários, e comparações feitas. As origens dos autores podem ser estudadas e comparados os materiais escritos por bibliotecários e por não bibliotecários. As tendências observadas na literatura podem ser comparadas com os dados sobre a profissão durante as várias décadas e com os marcos na história da biblioteconomia, para identificar discrepâncias e semelhanças – incluindo os perfis de bibliotecário que a literatura contemporânea revelará; e, fenomenologicamente, poder-se-á questionar as representações de bibliotecários em Portugal, sobre perfis da sua profissão, talvez analisando-as comparativamente com as americanas e detetando fatores que os respondentes considerem importantes para a sua atualização qualificada.

Evocamos reflexões de Tolentino de Mendonça - o Cardeal poeta-ensaísta e bibliotecário do Vaticano -, que nos fazem pensar e compreender todo este processo de investigação:

Recordando M. Vargas Llosa:

Quando penso no prazer imenso que me ofereceram as bibliotecas e como foi belo trabalhar nelas, estimulado por aqueles milhares de livros nos quais estão depositados o conhecimento e a fantasia literária de tantos séculos, penso com tristeza que talvez a minha seja a última geração a fazer uma experiência semelhante, se, como não é impossível pensar desde agora, as novas gerações de escritores trabalharem rodeados de ecrãs em lugar de estantes e a matéria do livro não for o papel, mas os cristais líquidos dos monitores. (Llosa, 2020)

E conclui:

Nesta vaga de passagem de civilização, devemos interrogar-nos sobre aquilo que, como sociedade, podemos fazer para valorizar este património e assegurar que o livro continue a inspirar-nos na construção da nossa humanidade. Os livros não nos tornam apenas leitores, tornam-nos também cidadãos (...) são mapas para decifrar de onde vimos. Mas são também telescópios e sondas apontadas para o futuro (Mendonça, 2020-2021).

Se não dermos possibilidade à pergunta de habitar-nos, não conseguiremos identificar também a resposta que poderá iluminá-la. Se não soubermos escutar o silêncio do mundo, como seremos capazes de escutar a palavra? (...) O pior que nos pode acontecer é ter uma vida em que vamos fazendo coisas, que até são boas e necessárias, mas onde se perdeu a capacidade do espanto, da contemplação, da delícia. (Mendonça, 2019, p. 153).

O nosso trabalho de pesquisa esclareceu-nos em percurso; apesar de deixar tanto para perguntar e investigar futuramente, acrescentará o nosso contributo para a qualificação do papel do livro, da biblioteca e do bibliotecário; e foi para nós muito gratificante.

## Referências Bibliográficas

---

- Abbott, A. (1988). *The system of professions: An essay on the division of expert labor* (pp. xvi, 435). University of Chicago Press.
- Aderman, R. M., & Corré, A. D. (1983). *The Quest for Social Justice: The Morris Fromkin Memorial Lectures, 1970-1980*. Golda Meir Library of the University of Wisconsin-Milwaukee.
- Alesina, A., Baqir, R., & Easterly, W. (1999). Public Goods and Ethnic Divisions. *The Quarterly Journal of Economics*, 114(4), 1243–1284. <https://doi.org/10.1162/003355399556269>
- Askt, D. (2005). Do Libraries Still Matter? *Carnegie Reporter* 3. [https://production-carnegie.s3.amazonaws.com/filer\\_public/3e/a7/3ea7e63b-179c-45ec-b2aa-2042184dcdba/ccny\\_creporter\\_2005\\_vol3no2.pdf](https://production-carnegie.s3.amazonaws.com/filer_public/3e/a7/3ea7e63b-179c-45ec-b2aa-2042184dcdba/ccny_creporter_2005_vol3no2.pdf)
- Baxter, M. (2014). Stereotype, or Archetype? *The Librarian in Popular Culture*. </paper/Stereotype%2C-or-Archetype-The-Librarian-in-Popular-Baxter/4d42621a8934d415bf7c0995f78524470eabf04e>
- Begun, J. W. (1986). Economic and Sociological Approaches to Professionalism. 113–129.
- Black, A. (1996). *A New History of the English Public Library: Social and Intellectual Contexts*.
- Blair, K. J. (1980). *The Clubwoman As Feminist: True Womanhood Redefined, 1868-1914*. Holmes & Meier Publishers.
- Borden, A. K. (1931). The Sociological Beginnings of the Library Movement. *The Library Quarterly: Information, Community, Policy*, 1(3), 278–282. JSTOR.
- Burns, G. (1998). *Librarians in Fiction: A Critical Bibliography*. McFarland.
- Carmichael, J. V. *The Male Librarian and the Feminine Image: A Survey of Stereotype, Status, and Gender Perceptions [Text]*. The University of North Carolina at Greensboro. <https://libres.uncg.edu/ir/uncg/listing.aspx?id=7197>
- Carr-Saunders, A. M., & Wilson, P. A. (1933). *The Professions (First edition.)*. Oxford University Press.
- Cast-Brede, M. Academic Librarians' Role in Gatekeeping: The Influence of Vendor Labeling on Academic Library Collections. 124.

- Cetina, K. K. (1994). Primitive Classification and Postmodernity: Towards a Sociological Notion of Fiction. *Theory, Culture & Society*, 11(3), 1–22. <https://doi.org/10.1177/026327694011003001>
- Colson, J. C. (1975). The Public Library Movement in Nineteenth Century Wisconsin.
- Costa, D. L. (2003). Civic Engagement and Community Heterogeneity: An Economist's Perspective}. 26.
- Damásio, M. (2020). Sentir & Saber. Bertrand. <https://www.bertrand.pt/livro/sentir-saber-antonio-damasio/22151828>
- de Winter, J. C. F., Zadpoor, A. A., & Dodou, D. (2014). The expansion of Google Scholar versus Web of Science: A longitudinal study. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-013-1089-2>
- DeVault, M. L. (1990). Novel Readings: The Social Organization of Interpretation. *American Journal of Sociology*, 95, 887–921.
- DiMaggio, P. (1987). Classification in Art. *American Sociological Review*, 52(4), 440–455. JSTOR. <https://doi.org/10.2307/2095290>
- Ditzion, S. (1953). Evolution of the American Public Library 1653-1876. C. Seymour Thompson. *The Library Quarterly*, 23(2), 143–144. <https://doi.org/10.1086/617983>
- Dowling, M. (2001). Libraries, Librarians, and Library Associations in the United States in 2001: Making a Difference in the Knowledge Age. *IFLA Journal*, 27(3), 133–142. <https://doi.org/10.1177/034003520102700305>
- Estrela, A. (2015). Teoria e Prática de Observação de Classes. <http://www.portoeditora.pt/produtos/ficha/teoria-e-pratica-de-observacao-de-classes/127582>
- Frontiers in Group Dynamics: II. Channels of Group Life; Social Planning and Action Research—Kurt Lewin, 1947. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/001872674700100201>
- Ganahl, D. J., Prinsen, T. J., & Netzley, S. B. (2003). A Content Analysis of Prime Time Commercials: A Contextual Framework of Gender Representation. *Sex Roles: A Journal of Research*, 49(9–10), 545–551. <https://doi.org/10.1023/A:1025893025658>
- Garcia-Marques, L., & Mackie, D. M. (1999). The impact of stereotype-incongruent information on perceived group variability and stereotype change. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(5), 979–990. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.77.5.979>

- Garrison, D. (2003). *Apostles of Culture: The Public Librarian and American Society, 1876-1920*. Univ of Wisconsin Press.
- Gere, A. R. (1997). *Intimate Practices: Literacy and Cultural Work in U.S. Women's Clubs, 1880-1920*. University of Illinois Press.
- Glick, P., Wilk, K., & Perreault, M. (1995). Images of occupations: Components of gender and status in occupational stereotypes. *Sex Roles*, 32(9), 565–582. <https://doi.org/10.1007/BF01544212>
- Goldin, C. (1998). America's Graduation from High School: The Evolution and Spread of Secondary Schooling in the Twentieth Century. *Journal of Economic History*, 58(2), 345–374.
- Goldin, C., & Katz, L. F. (1999). Human Capital and Social Capital: The Rise of Secondary Schooling in America, 1910-1940. *The Journal of Interdisciplinary History*, 29(4), 683–723. JSTOR.
- Goldin, C., & Katz, L. F. (2008). Mass Secondary Schooling and the State: The Role of State Compulsion in the High School Movement. *Understanding Long-Run Economic Growth: Geography, Institutions, and the Knowledge Economy*, 275–310.
- Goldstein, D. (2003). The Spirit of an Age: Iowa Public Libraries and Professional Librarians as Solutions to Society's Problems, 1890-1940. *Libraries & Culture*, 38(3), 214–235. <https://doi.org/10.1353/lac.2003.0046>
- Gonçalves, C. M. (2017). Análise sociológica das profissões: Principais eixos de desenvolvimento. *Sociologia : Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 17(173–223), Article 0. <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2349>
- Green, S. S. (1913). *The public library movement in the United States 1853-1893*. Boston Book Co.
- Harwood, T. G., & Garry, T. (2003). An Overview of Content Analysis. *The Marketing Review*, 3(4), 479–498. <https://doi.org/10.1362/146934703771910080>
- Hinton, P. R. (2000). *Stereotypes, cognition and culture*. Psychology Press,.
- Hoare, P., & Black, A. (2006). *The Cambridge history of libraries in Britain and Ireland: Vol. III*. Cambridge University Press.
- Identifying the prevailing images in library and information science profession: Is the landscape changing? | Emerald Insight. <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/NLW-03-2014-0029/full/html>

- IFLA. (2004). IFLA/UNESCO Public Library Manifesto 1994. <https://www.ifla.org/publications/iflaunesco-public-library-manifesto-1994>
- Joeckel, C. B. (1935). *The Government of the American Public Library*. University of Chicago Press.
- Johnson, R. (1986). What is cultural studies anyway? *Social Text*, 16, 38–80.
- Jones, P. A. (1999). *Libraries, Immigrants, and the American Experience*. Greenwood Press.
- Jones, T. (1997). *Carnegie Libraries Across America: A Public Legacy*. Wiley.
- Kapitza, K., Zimmermann, H., Martín-López, B., & Wehrden, H. von. (2019). Research on the social perception of invasive species: A systematic literature review. *NeoBiota*, 43, 47–68. <https://doi.org/10.3897/neobiota.43.31619>
- Kelly, T. (1977). *A history of public libraries in Great Britain, 1845-1975* (2nd edition). Library Association.
- Kevane, M., & Sundstrom, W. A. (2014). The Development of Public Libraries in the United States, 1870-1930: A Quantitative Assessment. *Information & Culture*, 49(2), 117–144. JSTOR.
- King, E., Mendoza, S., Madera, J., Hebl, M., & Knight, J. (2006). What's in a Name? A Multiracial Investigation of the Role of Occupational Stereotypes in Selection Decisions. *Journal of Applied Social Psychology*, 36, 1145–1159. <https://doi.org/10.1111/j.0021-9029.2006.00035.x>
- Klegon, D. (1978). The Sociology of Professions: An Emerging Perspective. 259–283.
- Kortum, L. D. (1991). *California's Carnegie Libraries, 1899-1921*. Lucy Deam Kortum.
- Krippendorff, K. H. (2013). *Content Analysis - 3rd Edition: An Introduction to Its Methodology*. SAGE Publications, Inc.
- Kunda, Z., & Thagard, P. (1996). Forming impressions from stereotypes, traits, and behaviors: A parallel-constraint-satisfaction theory. *Psychological Review*, 103(2), 284–308. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.103.2.284>
- Labadi, S., & Long, C. (2010). *Heritage and Globalisation*. Routledge.
- Lassonde, K., & O'Brien, E. (2013). Occupational stereotypes: Activation of male bias in a gender-neutral world. *Journal of Applied Social Psychology*, 43. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2013.01008.x>
- Lee, Y.-T., Albright, L., & Malloy, T. E. (2001). Social Perception and Stereotyping: An Interpersonal and Intercultural Approach. *International Journal of Group Tensions*, 30(2), 183–209. <https://doi.org/10.1023/A:1005256425413>

- Librarians in Children's Literature, 1909-2000: The Reference Librarian: Vol 37, No 78. [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J120v37n78\\_06](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J120v37n78_06)
- Library, A. L. A. LibGuides: Library Statistics and Figures: Number of Public Libraries in the United States Over Time. <https://libguides.ala.org/librarystatistics/numberoflibrariesovertime>
- Lindert, P. H. (1994). The Rise of Social Spending, 1880-1930. *Explorations in Economic History*, 31(1), 1–37. <https://doi.org/10.1006/exch.1994.1001>
- Llosa, M. V. (2020). O livro, pelo cardeal Tolentino: É «incalculável o património humano, cultural e espiritual» que representa. [https://www.snpcultura.org/o\\_livro\\_cardeal\\_tolentino.html](https://www.snpcultura.org/o_livro_cardeal_tolentino.html)
- Luthmann, A. (2007). Librarians, professionalism and image: Stereotype and reality. *Library Review*, 56(9), 773–780. <https://doi.org/10.1108/00242530710831211>
- Macdonald, K. M. (1995). *The Sociology of the Professions* (1st edition). SAGE Publications Ltd.
- Martin, L. A. (1998). *Enrichment: A History of the Public Library in the United States in the Twentieth Century*. Scarecrow Press.
- McCauley, G. C. (1971). Book Review: A History of Apologetics. *Theological Studies*, 32(3), 500–501. <https://doi.org/10.1177/004056397103200306>
- McColvin, L. (1956). *The Chance to Read: Public Libraries in the World Today*. Phoenix House. <https://www.abebooks.com/first-edition/CHANCE-READ-PUBLIC-LIBRARIES-WORLD-TODAY/448473130/bd>
- McCracken, E. (1996). *The Giant's House*. [https://www.goodreads.com/work/best\\_book/374973-the-giant-s-house](https://www.goodreads.com/work/best_book/374973-the-giant-s-house)
- McMenemy, D. *Public library interior, Woking*. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Public\\_library\\_interior,\\_Woking\\_England.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Public_library_interior,_Woking_England.jpg). 25.
- McMullen, H. (2000). *American Libraries Before 1876*. Greenwood Publishing Group.
- Mendonça, J. T. (2019). *Uma Beleza que nos Pertence*. Quetzal Editores. <https://www.wook.pt/livro/uma-beleza-que-nos-pertence-jose-tolentino-mendonca/23243031>
- Minto, J. (1932). *History Of The Public Library Movement In Great Britain And Ireland—Library Association Series Of Library Manuals Iv* (First Printing edition). George Allen & Unwin Ltd.

- Miranda, R. J. P. (2009). Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental?: Um estudo no 1º Ciclo. 33–73.
- Myers, M. J. Images of Librarians in Science Fiction and Fantasy. 45.
- Nakadate, N. (1999). Understanding Jane Smiley. Univ of South Carolina Press.
- Neuburg, V. E. (2014). Popular Literature: A History and Guide. Routledge.  
<https://doi.org/10.4324/9781315030302>
- Pagowsky, N., & Rigby, M. (2014a). The librarian stereotype: Deconstructing perceptions and presentations of information work. Association of College and Research Libraries, A division of the American Library Association.
- Pagowsky, N., & Rigby, M. (Eds.). (2014b). The librarian stereotype: Deconstructing perceptions and presentations of information work. Association of College and Research Libraries, A division of the American Library Association.
- Pagowsky, N., & Rigby, M. (2014c). The Librarian Stereotype: Deconstructing Perceptions and Presentations of Information Work. Association of College and Research Libraries. <https://www.alastore.ala.org/content/librarian-stereotype-deconstructing-perceptions-and-presentations-information-work>
- Reynolds, L. T., & Herman-Kinney, N. J. (2003). Handbook of symbolic interactionism. AltaMira Press.
- Rindfleisch, B. C. (2012). “What it Means to Be a Man”: Contested Masculinity in the Early Republic and Antebellum America”. History Compass, 10(11), 852–865.  
<https://doi.org/10.1111/hic3.12005>
- Rodrigues, M. (2002). Sociologia das Profissões.
- Roth, J. A. (1974). Professionalism: The Sociologist’s Decoy—Julius A. Roth, 1974.  
<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/073088847400100102>
- Rubin, R. (2016). Foundations of library and information science.
- Saramago, J. (1997). Todos os Nomes. Círculo de Leitores.
- Schmuland, A. (1999). The Archival Image in Fiction: An Analysis and Annotated Bibliography. The American Archivist, 62(1), 24–73.
- Schreier, M. (2021). Qualitative Content Analysis in Practice. SAGE Publications Ltd.  
<https://uk.sagepub.com/en-gb/eur/qualitative-content-analysis-in-practice/book234633>
- Schuman, P. G. (1990). The Image of Librarians: Substance or Shadow? The Journal of Academic Librarianship, 87.



- Seminelli, H. (2016). Librarian as professional. *Serials Librarian*, 71(1), 63–69. Scopus.  
<https://doi.org/10.1080/0361526X.2016.1168667>
- Shera, J. H. (1965). *Foundations of the public library: The origins of the public library movement in New England, 1629-1855*. Shoe String Press.
- Sidis. The Penacook Peace. Em The Tribes and the States.  
<https://www.sidis.net/TSChap8.htm>
- Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2015). Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, 17(1), 1–7.
- Smiley, J. (1984). *Duplicate Keys*.  
[https://www.goodreads.com/work/best\\_book/516798-duplicate-keys](https://www.goodreads.com/work/best_book/516798-duplicate-keys)
- Snyder, M., Tanke, E. D., & Berscheid, E. (1977). Social perception and interpersonal behavior: On the self-fulfilling nature of social stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35(9), 656–666. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.35.9.656>
- Stangor, C. (2009). The study of stereotyping, prejudice, and discrimination within social psychology: A quick history of theory and research. Em *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 1–22). Psychology Press.
- Steinhilber, A. W., & Sokolowski, C. J. (1966). *State Law on Compulsory Attendance*. U.S. Department of Health, Education, and Welfare, Office of Education.
- Stereotype, or Archetype? The Librarian in Popular Culture.
- Sturges, R. P., & Evans, M. K. (Eds.). (1996). *Continuity and innovation in the public library: The development of a social institution*. Library Association Pub.
- Thane, P. (2001). *Cassell's companion to twentieth century Britain*. Cassell.
- The human in human information acquisition: Understanding gatekeeping and proposing new directions in scholarship.  
<https://www.infona.pl/resource/bwmeta1.element.elsevier-f7918b4e-2e09-38d2-886f-33b603dcabd4>
- The Stereotype Stereotype | American Libraries Magazine.  
<https://americanlibrariesmagazine.org/2015/10/30/the-stereotype-stereotype/>
- The Theoretical Limits of Professionalization.  
<https://bibbase.org/network/publication/goode-etzioni-theoreticallimitsofprofessionalization-1969>

- Tîrziman, E. (2017). The Librarian—A Redefined Profession for the 21st Century. *Revista Română de Biblioteconomie și Știința Informării*, 13, 101–108. <https://doi.org/10.26660/rrbsi.2017.13.4.101>
- Twentieth Century: Society in the United States | Scholastic. <http://www.scholastic.com/teachers/articles/teaching-content/twentieth-century-society-united-states/>
- Vanhecke, T. E. (2008). Zotero. *Journal of the Medical Library Association : JMLA*, 96(3), 275–276. <https://doi.org/10.3163/1536-5050.96.3.022>
- Vaughn, L. (2010). Psychology and culture: Thinking, feeling, and behaving in global contexts. *Psychology and Culture: Thinking, Feeling, and Behaving in Global Contexts*, 1–267. <https://doi.org/10.4324/9780203852965>
- Wallis, J. J. (2000). American Government Finance in the Long Run: 1790 to 1990. *Journal of Economic Perspectives*, 14(1), 61–82. <https://doi.org/10.1257/jep.14.1.61>
- Watson, P. D. (1996). Carnegie Ladies, Lady Carnegies: Women and the Building of Libraries. *Libraries & Culture*, 31(1), 159–196. JSTOR.
- Watt, I. (1957). *The rise of the novel; studies in Defoe, Richardson, and Fielding*. University of California Press.
- Wellard, J. H. (1937). *Book selection: Its principles and practice*. Grafton & co.
- White, S. D. (1997). *The Development of the Statewide Tax-Supported Public Library System in Alabama: 1901-1974*. 4.
- Whitfield, S. J. (2004). *A Companion to 20th-Century America*. Blackwell Pub. [http://www.blackwellreference.com/subscriber/uid=3/book?show=all&id=g9780631211006\\_9780631211006](http://www.blackwellreference.com/subscriber/uid=3/book?show=all&id=g9780631211006_9780631211006)
- Williamson, W. L. (1969). Carnegie Libraries: Their History and Impact on American Public Library Development. George S. Bobinski. *The Library Quarterly*, 39(4), 365–366. <https://doi.org/10.1086/619798>
- Winter, M. F. *The professionalization of librarianship* /. 52.
- Yontz, E. (2003). Librarians in Children's Literature, 1909-2000. *The Reference Librarian*, 37(78), 85–96. [https://doi.org/10.1300/J120v37n78\\_06](https://doi.org/10.1300/J120v37n78_06)
- Zebrowitz, L. A. (1990). *Social perception*. Open University Press.

# Apêndice

---

## AMOSTRA da Análise de Conteúdo sobre excertos dos textos de cada autora.

### 1.

AUTORA: Elizabeth McCracken (E):

#### UNIDADE DE CONTEXTO E1 – Sobre o Bibliotecário

Despite my clumsiness with the outside world, / I was the perfect public  
1 2  
servant: / deferential, / dogged, / oblivious to insults. / Friendly but not overly  
3 4 5 6  
familiar. / It was one of the reasons I loved being a librarian: / I got to conduct  
7  
dozens of relationships simultaneously and successfully. / I conformed  
8  
myself always to the needs of the patrons (they certainly did not care about  
mine), told them they were right, called them Mr. and Mrs. and Miss when they  
did not bother to learn my smallest initial. (p:97)  
9

#### UNIDADE DE CONTEXTO E2 – Sobre a Biblioteca e também, sobre o Bibliotecário

I loved that building when I first met it; / I suppose I continued to love  
10  
it the way a woman will love a husband who sticks around while she  
11  
silently prays he will leave or die. / Indeed, until 1950 the library  
occupied much of my heart and mind. / When we were apart, I  
12

wondered what wrongheaded thing it would insist upon doing in my

13

absence (bursting a pipe, inviting birds through broken windows); /  
when we were together, I cursed it and made apologies for its

14

behavior to visitors. (p: 43)

2.

AUTORA: Jane Smiley (J)

### **UNIDADE DE CONTEXTO J1 – Sobre o Bibliotecário**

Like I said, I'm tired of living in that pale librarianly way. / I have no debts,

15

I eat plenty of fruit, I come home every night and read. A big day for me is seeing  
old leftist movies at the Bleecker Street Cinema. I've never dissipated

16

anything, even a free afternoon. / This is New York: It's time I did something

17

that was costly. I'm tired of going to all the cheap things and counting every  
nickel, you know? / Yes, you have to be careful in order to live by yourself in

18

Manhattan on seventeen thousand a year/ but I've been careful careful careful.  
Nobody else has. Now I'm not going to be careful for a while. (p: 212)

19

### **UNIDADE DE CONTEXTO J2 – Sobre a Biblioteca e também, sobre o Bibliotecário**

“Whatever the police did or Ray’s friends did, the library would go on, employing  
her to catalogue and do reference.” (p: 91)

20

**Análise de Conteúdo - Amostra Caracterização do Bibliotecário e da  
Biblioteconomia em Jane (J) e Elizabeth (E)**

CC	Unidades de Contexto		Indicadores	Categorias e Sub-categorias
Elizabeth	Bibliotecário E1	I1	Despite my clumsiness with the outside world	C2; S8
		I2	I was the perfect public servant:	C3; S9; S10
		I3	Deferential	C2; S5
		I4	dogged	C2; S5
		I5	Oblivious to insults	C2; S5
		I6	Friendly but not overly familiar	C2; S5
		I7	It was one of the reasons I loved being a librarian	C2; S-7; C3
		I8	I got to conduct dozens of relationships simultaneously and successfully	C2; S5
		I9	I conformed myself always to the needs of the patrons (they certainly did not care about mine), told them they were right, called them Mr. and Mrs. and Miss when they did not bother to learn my smallest initial.	C2; S5
	Biblioteca/Bibliotecário E2	I10	I loved that building when I first met it	C2; S5; C3; S9
		I11	I suppose I continued to love it the way a woman will love a husband who sticks around while she silently prays he will leave or die	C2; S5; C3; S9
		I12	Indeed, until 1950 the library occupied much of my heart and mind.	C2; S5; C3; S9
		I13	When we were apart, I wondered what wrongheaded thing it would insist upon doing in my	C2; S5; C3; S9

			absence (bursting a pipe, inviting birds through broken windows);	
		<b>I14</b>	When we were together, I cursed it and made apologies for its behavior to visitors	C2; S5; C3; S9
<b>Jane</b>	<b>Bibliotecário J1</b>	<b>I15</b>	Like I said, I'm tired of living in that pale librarianly way.	C2; S5
		<b>I16</b>	I have no debts, I eat plenty of fruit, I come home every night and read. A big day for me is seeing old leftist movies at the Bleecker Street Cinema. I've never dissipated anything, even a free afternoon	C2; S5
		<b>I17</b>	This is New York: It's time I did something that was costly. I'm tired of going to all the cheap things and counting every nickel, you know?	C2; S5 e S6
		<b>I18</b>	Yes, you have to be careful in order to live by yourself in Manhattan on seventeen thousand a year	C2; S5 e S6
		<b>I19</b>	but I've been careful careful careful. Nobody else has. Now I'm not going to be careful for a while.	C2; S5
	<b>Biblioteca J2</b>	<b>I20</b>	Whatever the police did or Ray's friends did, the library would go on, employing her to catalogue and do reference	C3; S9

Consideração sobre o aproveitamento desta análise para a adequação do Quadro referencial A e do Quadro A1-redução, ao serem aplicados a CADA UMA DAS AUTORAS (Quadro B):

Este tipo de análise poderia também permitir a consolidação do valor relativo das categorias, subcategorias e indicadores detetados, se fosse conservado o registro

numérico das frequências dos Indicadores, cujos totais dispensámos na nossa investigação para evitar uma sobrecarga quantitativa e de exigência de tempo.